

Maria e Jesus, dois amigos especiais: a caminho com as duas colunas

**PROGRAMA FORMATIVO ADMA 2022/2023**

# APRESENTAÇÃO

# 

Para o ano de 2022-2023, o caminho quer retornar às raízes da Associação: “A entrega de Dom Bosco a Maria Auxiliadora encontrou na Associação uma das expressões simples e práticas para a defesa da fé na classe popular. Dom Bosco nos lembra que “Nós cristãos devemos nos unir nestes tempos difíceis. Estar entre os muitos que fazem o bem nos anima sem perceber” (Art. 1 do Regulamento da ADMA). Desejamos, portanto, propor um caminho de fé que nos leve ao encontro com Jesus através da mediação da nossa Mãe Celeste e que se possa traduzir em atividade apostólica.

Immagine che contiene testo

Descrizione generata automaticamenteÉ um caminho antigo porque é um caminho tradicional de crescimento na fé que se baseia nas fontes mais profundas da espiritualidade cristã, salesiana e mariana. É novo porque cada associado e cada grupo do mundo o viverá de acordo com sua própria experiência de vida, tornando-o original e adaptado à realidade de cada um. Vamos nos unir, por um ano, em um caminho espiritual de vida cristã, baseado em nossas duas colunas: Jesus e Maria, deixando-nos instruir pela Palavra de Deus, por Dom Bosco e por São Francisco de Sales. Usaremos as referências ao Regulamento da ADMA, à Carta de Identidade da Família Salesiana, ao magistério do Papa e ao ensinamento do Reitor-Mor.

**O objetivo do percurso é crescer em nossa vida de fé e dar um passo adiante em nosso relacionamento pessoal com Jesus e Maria**.

**AS ETAPAS DO CAMINHO**

1. **Sentir-se amados por Deus**

**A nossa fé se torna vida quando fazemos a experiência de nos sentirmos profundamente amados por Deus**.

A Palavra de Deus anuncia-nos que “*Deus é Amor*” (1 Jo 4, 7-16), que Jesus quer viver em profunda comunhão com cada um de nós: “*Assim como o Pai me amou, eu também vos amei*” (Jo 15, 9-11); “*Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*” (Jo 10, 7-15).

Seremos convidados a meditar a Palavra para acolher plenamente o amor terno e vertiginoso de Deus por cada um de nós. Desta experiência de nos sentirmos amados como somos, nasce o desejo sincero de corresponder a Deus. Entendemos então São Francisco de Sales quando diz: “*Procure antes de tudo agradar a Deus: aqui está o centro da minha alma e o imóvel polo, em torno do qual giram todos os meus desejos e todos os meus movimentos*”.

Deste modo seremos ajudados a dirigir-Lhe o nosso olhar todos os dias, a sentir o Seu amor e a entregálo aos irmãos.

1. **“Estou à porta e bato”: a oração**

Immagine che contiene persona, dessert

Descrizione generata automaticamenteReforçada a consciência de ser profundamente amados, **nos concentraremos no cuidado do relacionamento com o Senhor, na oração, com a ajuda de Maria**.

Somente na experiência do silêncio e da escuta entenderemos vitalmente Jesus quando ele diz “Eis que estou à porta e bato” (Ap 3,20) e “Se alguém me ama, guardará a minha palavra e meu Pai amará a ele e viremos a ele e faremos nele morada” (Jo 14,23) e descobriremos o segredo das virgens Sábias (Mt 25,1-13).

O segredo da vida, diz São Francisco de Sales, é “*ir de dentro para fora: Nunca pude aprovar o método daqueles que, para reformar o homem, partem de fora, do comportamento, das roupas, do cabelo. Pelo contrário, parece-me que devemos começar de dentro... Quem tem Jesus no coração, tem-no logo depois em todas as ações exteriores*”.

Colocaremos a oração no centro de nossa vida com sugestões práticas.

1. **Filhos no filho criados à imagem de Deus. A confiança em Deus.**

O abandono ao Espírito Santo, pelas mãos de Maria, leva-nos a **crescer na confiança em Deus**. Contemplaremos o mistério de um Deus que não tem medo de se confiar ao homem.

Aprofundaremos sobre como o mistério da Encarnação (Lc 2) se insere em um projeto mais amplo de amor que é prelúdio da cruz: “*Venho para fazer a tua vontade, ó Deus*” (Hebreus 10, 5-10)”.

O único desejo de Jesus é fazer compreender com a sua vida que toda a existência se explica pelo amor, um amor tão envolvente que leva São Paulo a dizer: “*Fui crucificado com Cristo e já não sou eu que vivo, mas Cristo que vive em mim. Esta vida que vivo na carne, vivo-a na fé do filho de Deus que me amou e se entregou por mim*” (Gl 2:20). Neste profundo mistério de amor somos convidados a tomar consciência real de nossas criaturas. Como sugere São Francisco de Sales, “*devemos ser o que somos e estar bem, para honrar o Trabalhador, do qual somos a obra*”.

1. **Não há amor maior: a Eucaristia**

Fonte e cume da verdadeira vida que é amor e pão do caminho é a Eucaristia: **amem-se uns aos outros como eu vos tenho amado**. Faça isso em memória de mim. Contemplaremos o dom que Jesus nos oferece, como premissa e fundamento de nossa adesão ao amor a Ele e aos irmãos. Vamos nos concentrar no Lava-Pés, para entender como a vida eucarística se torna dedicação plena ao outro no serviço concreto de cada dia.

Como São Francisco de Sales nos sugere pensar somente ao hoje de Deus: “*Pensar em fazer bem as nossas coisas hoje, e quando chegar o dia de amanhã, também se chamará hoje, e então pensaremos*”.

À luz do mistério da Eucaristia, compreenderemos a importância do momento presente, da verdadeira vida que é amor: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Faça isso em memória de mim. De fato, a Eucaristia é um verdadeiro encontro com o Ressuscitado na Palavra e no Pão Eucarístico, dános a Sua presença na vida cotidiana e conformanos a Ele, dá-nos os seus sentimentos de amor ao próximo e a verdadeira alegria.

1. **Maria, esposa no Espírito Santo, ensinanos a fazer tudo por amor**

**O Espírito Santo nos ilumina e nos guia em nossa vida de fé**. Iremos às fontes do “sim” de Maria, esposa no Espírito. À luz da Palavra descobriremos como na vida de cada um de nós pode renovar-se o Fiat de Maria. Com Maria mãe e mestra, a nossa vida recupera seu pleno sentido e se transforma no Magnificat. Desta forma, o amor assume os traços de plena liberdade. Como diz São Francisco de Sales: “Nada por força, tudo por amor. Eis a regra geral da nossa obediência: TU DEVES FAZER TUDO POR AMOR E NADA POR FORÇA... Deixo-lhes o espírito de liberdade, aquele que exclui a coação, o escrúpulo e a agitação”. Como lemos no Regulamento da ADMA: “Maria é presença viva entre nós e continua sua missão materna de mediadora de graça para seus filhos na história da Igreja e da humanidade”.

1. **A primazia da graça: a alegria, dom do Espírito Santo (as virtudes teologais)**

**A ação do Espírito Santo gera em nós alegria,** fruto da atuação das Virtudes da Fé, Esperança e Caridade. Redescobriremos as virtudes teologais meditando o hino à caridade (1 Cor, 13, 1-13) e outras cartas Paulinas. Compreenderemos em profundidade o fundamento da alegria salesiana: “Vá em frente com alegria e com o coração aberto o quanto puderes; e se não for sempre com alegria, vá sempre com coragem e confiança”. (São Francisco de Sales). Esta é a Alegria que levou Domingo Sávio a dizer “Fazemos a santidade consistir em estar sempre alegres”. Seguindo o caminho da entrega de Dom Bosco a Maria Auxiliadora, podemos tornar-nos concretamente sinal do amor de Deus e de Maria, capazes de difundir a alegria e o amor entre os homens.

1. **A graça supõe a natureza: o exercício das virtudes**

Somos chamados a favorecer a ação do Espírito Santo por meio das virtudes. Em particular, nos “Tu deves fazer tudo por amor e nada por força.” São Francisco de Sales ajudarão a **Humildade e a Mansidão**, traços do caráter de Jesus (Mt 11, 25-30)”.

Como diz São Francisco de Sales: “*Suporta com carinho as pequenas injustiças, os pequenos incômodos, as perdas de pouca importância que acontecem todos os dias. Estas pequenas ocasiões vividas com amor vão ganhar o coração de Deus e torná-lo todo seu*”. Compreenderemos melhor como o desenvolvimento das virtudes pode nos ajudar a crescer na paz e no amor. Viver a paciência, a mansidão, a humildade, a pobreza de espírito, evitando as calúnias e os julgamentos, nos fará experimentar a verdadeira comunhão. Não apenas querer bem aos outros, mas fazer com que os outros se sintam amados: “amorevolezza”, trabalho incansável, temperança e otimismo salesiano.

Recordemos as três palavras do Papa Francisco: com licença, desculpe, obrigado.

1. **O abraço da bênção - a luta contra as tentações mais comuns e o sacramento da reconciliação**

Quanto mais nos aproximamos da luz, mais aprendemos a ver o nosso limite e a compreender a Sua misericórdia. O amor de Deus nunca nos abandona, nem mesmo quando caímos nas tentações mais comuns. **É um amor que nos envolve no abraço de bênção que experimentamos no sacramento da reconciliação.**

Meditaremos a parábola do Pai Misericordioso (Lc 15, 11-32). Em seguida, seremos acompanhados por São Francisco de Sales que nos lembra que “Todos os dias devemos começar o nosso progresso espiritual, e pensando bem nisso, não nos surpreenderemos ao encontrar a miséria em nós. Não há nada que já tenha sido totalmente feito: é preciso recomeçar e recomeçar de bom coração”. O Sacramento da Reconciliação não é o momento do juízo, mas a ocasião para experimentar o abraço misericordioso e abençoado do Pai que nos dá a cura de nossos pecados e a força para recomeçar.

1. **Na escola da santa indiferença de Maria: fiat, stabat e magnificat**

Immagine che contiene testo, interni

Descrizione generata automaticamenteSe nos deixamos conquistar por este amor, compreendemos cada vez mais a importância da **santa indiferença**, que resplandece em Maria com as suas atitudes: fiat, stabat e magnificat. Percorrendo novamente a vida de Maria no Evangelho de Lucas, podemos ver o seu caminho humano e espiritual, que é também o nosso caminho. “Nada pedir, nada recusar. Permanecer nos braços da Providência, sem parar em nenhum outro desejo, senão o de querer o que Deus quer de nós”.

Receberemos Maria em nossa casa para torná-la berço da vida e do amor, da fé e da esperança, cultivando as atitudes de acolhimento, hospitalidade, escuta, ajuda concreta e disponibilidade generosa.

1. **A União com Deus na vida cotidiana**

No final do caminho, finalmente seremos convidados a buscar **a união com Deus na vida cotidiana**, assumindo os seus sentimentos: “Para mim, o viver é Cristo” (Fl 1,21).

Poderemos experimentar esta comunhão permanecendo em Jesus “Eu sou a Videira vós os Ramos” (Jo 15, 5)”.

Seguiremos o exemplo de Dom Bosco, para quem a ação e a oração se tornaram uma só coisa: “*Dom Bosco identificava a sua atividade externa com a máxima perfeição, incansável, absorvente, vasta, cheia de responsabilidades, com uma vida interior que começava no sentido de presença de Deus e que, pouco a pouco, se tornou atual, persistente e viva para ser a união perfeita com Deus*”. Esta espiritualidade torna-se Caridade apostólica em “*Da mihi animas, cetera tolle*”. É a espiritualidade da Graça da Unidade que nos ajuda a trabalhar em sintonia de pensamento, de sentimento e de querer com Deus. As necessidades dos irmãos nos convidam a rezar, enquanto a oração constante alimenta o trabalho generoso e sacrificado com Deus para o bem e a salvação dos irmãos.

Para ajudar a viver o caminho assim descrito, serão oferecidas ideias e sugestões para diferentes idades e situações de vida: familiar, juvenil, adulta em geral. Valorizaremos a oração, a escuta do Espírito Santo e a partilha. A sugestão é viver o caminho não de forma intelectual, mas de forma pessoal e existencial. Ao mesmo tempo, cuidaremos da dimensão comunitária. A busca de um relacionamento pessoal com o Senhor, de fato, sempre leva à comunhão com o próximo e com a Igreja. Em cada encontro será proposto um espaço adequado de silêncio e uma pergunta para a partilha em grupo. Além disso, para que os frutos do encontro deixem sua marca em nossa vida, todos os meses faremos um compromisso concreto de vida.

**1. SENTIR-SE AMADOS POR DEUS**

A nossa fé se torna vida quando experimentamos nos sentir profundamente amados por Deus.

*“Sabendo os fariseus que Jesus reduzira ao silêncio os saduceus, reuniram-se e um deles, doutor da Lei, fez-lhe esta pergunta para pô-lo à prova: «Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?.» Respondeu Jesus: «Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito. Esse é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás teu próximo como a ti mesmo.» Nesses dois mandamentos se resumem toda a Lei e os Profeta”. (Mat. 22,34-40)*

Todos sabemos que amar é o mandamento principal, o único que Jesus nos deixou. Os primeiros cristãos eram reconhecidos na maneira como se amavam, na maneira de se relacionarem uns com os outros. É, de fato, providencial, colocar no início de nosso caminho formativo deste ano, o AMOR a DEUS e o AMOR ao próximo. Não poderíamos começar de forma mais evangélica, mais fundamental, mais mariana. Peçamos ao Senhor, com fé e convicção, a cada dia desta caminhada, a nos ajudar a experimentar o seu amor de Pai, o seu amor incondicional. Seria importante que cada um de nós pudesse repetir toda manhã, toda noite, todo momento do dia, esta oração profunda, íntima, sentida: “Senhor, ajuda-me a experimentar o teu amor de Pai”.

A nossa fé permanecerá em teoria, pura teologia, só doutrina desencarnada se não descer em nossos corações a cada momento e de lá se tornar vida. Com sua encarnação, Jesus quis assumir nossa condição humana e nos colocar em relação com Deus. Foi uma escolha de amor do Pai, que, desde o início não deixou de nos amar e demonstrá-lo continuamente. Por isso, os convido a deixar-se guiar pela Palavra de Deus no momento formativo deste mês. Ler e reler, mas sobretudo rezar, o texto de Mateus 22, 34-40 e pergunte a si mesmo: “Como amo o Senhor? Como amo os outros? Quanto meu amor pode crescer neste ano que SENTIR-SE AMADOS POR DEUS estamos começando, com minha família, com minha comunidade, com meus filhos, com amigos, com as pessoas que o Senhor colocará no meu caminho?”

Immagine che contiene testo

Descrizione generata automaticamenteA pergunta, “Mestre, na Lei, qual é o grande mandamento?” feita pelos fariseus para colocar Jesus à prova, torna-se o núcleo da catequese para os seus discípulos. Talvez, também você tenha alguma pergunta para fazer a Jesus, alguma dúvida, queira abrir o seu coração para que Ele lhe responda com simplicidade, com profundidade, com doçura... Jesus quer lhe amar completamente, inteiramente. **Deixe-se amar por Jesus.** Abra-se ao amor do Pai através da presença do seu Espírito... Coloque-se na presença do Senhor, invocando o Espírito Santo com as suas palavras, a fim de que este encontro seja um encontro de amor, para saborear o Amor e aprender a AMAR, colocando-se em sua presença, seguindo os caminhos indicados por São Francisco de Sales:

* O primeiro é uma viva e atenta tomada de consciência da onipresença de Deus. Deus é tudo e em toda parte e não há lugar ou coisa neste mundo que não manifeste a sua presença.
* O segundo caminho é pensar que não apenas Deus está presente no lugar onde você está, mas de modo particular, está presente em seu coração e no profundo de seu espírito.
* O terceiro é pensar em nosso Salvador, que, na própria humanidade vê, do céu, todas as pessoas da terra, e, de modo particular, aqueles que estão em oração.
* O quarto caminho é representar o Salvador em sua humanidade próximo de nós, assim como frequentemente fazemos com os amigos.

Hoje queremos percorrer um caminho simples no qual reconhecemos que o Senhor nos ama, que nos criou para amar e ser amados e que a nossa fé encontra a sua melhor realização no cumprimento deste mandamento de Deus: AMAR.

***1.1. Criados pelo amor de Deus para amar***

Deus nos criou porque nos ama, por meio de seu amor gratuito e altruísta. Este foi o primeiro caminho e sinal do amor de Deus por cada um de nós: criarnos. Fomos criados pelo AMOR, somos o fruto do amor de Deus. Deus poderia não nos ter criado e, em vez disso, nos deu o dom da existência; poderia ter pronunciado um outro nome e, em vez disso, quis pronunciar o nosso; poderia ter tomado outro caminho e, em vez disso, nos escolheu, pensou em nós, nos amou. Quando um homem ama, o seu coração transborda e quanto mais ama, mais se aproxima e mais se assemelha ao coração de Deus. Um coração que ama compartilha a sua alegria com os outros e este é o bom desejo de seu Criador. Deus nos criou para um “transbordamento” de seu amor. Ele quis compartilhar conosco a sua alegria infinita, para que fôssemos imensamente felizes porque somos criaturas do seu amor. A verdadeira fonte da alegria é o amor: “*A fonte da alegria cristã é esta certeza de sermos amados por Deus, amados pessoalmente pelo nosso Criador... com um amor apaixonado e fiel, um amor maior que as nossas infidelidades e pecados, um amor que perdoa*” (Bento XVI). E o amor mais completo, puro e verdadeiro que experimentaremos e receberemos será o amor de Deus.

Estamos na terra para conhecer e amar a Deus, para fazer o bem segundo a sua vontade, isto é, para AMAR e para nos encontrarmos um dia no Paraíso. Somos peregrinos da fé, porque viemos de Deus e vamos para Deus. Temos uma origem mais remota do que a advinda de nossos pais. Viemos de Deus, em quem reside toda a felicidade do céu e da terra, e somos esperados em sua felicidade eterna e ilimitada. Enquanto isso vivemos na terra. Às vezes experimentamos a proximidade de nosso Criador, outras vezes achamos difícil sentir Sua presença em nossa vida. E para que possamos encontrar o caminho de casa e não nos perdermos, Deus nos enviou seu Filho, que nos libertou do pecado, nos salvou de todo mal e infalivelmente nos conduz à verdadeira vida. Ele é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14, 6).

Deus colocou em nosso coração, o desejo de procurá-lo e de encontrá-lo. Santo Agostinho disse: “Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti”. É natural que os seres humanos busquem a Deus. Toda a nossa busca da verdade e da felicidade é, em última análise, uma busca por aquilo que absolutamente nos sustenta, absolutamente nos satisfaz e absolutamente nos reivindica. O homem só é plenamente ele mesmo quando encontrou Deus. “Quem procura a verdade procura Deus, ainda que não o saiba” (Santa Teresa Benedita da Cruz - Edith Stein).

***1.2. O amor de Deus é concreto e sensíve***

Todos nós sabemos que, porque Deus quis ser conhecido, ele se revelou. Deus não era obrigado a revelar-se aos homens, mas o fez por amor. Assim como no amor humano só podemos conhecer algo da pessoa que amamos quando ela nos abre seu coração, também conhecemos algo dos pensamentos mais íntimos de Deus somente porque o Deus eterno e misterioso se abriu a nós por amor. Desde a criação, através dos patriarcas e profetas, até a revelação final no Filho Jesus Cristo, Deus tem falado continuamente à humanidade. Em Jesus ele abriu seu coração para nós e deixou claro seu ser mais íntimo para todos os tempos. Cabe a cada um de nós reconhecer que a Revelação divina é um sinal do amor universal de Deus pela humanidade na história do nosso mundo. Pode ser um pouco distante para nós, mas nossa fé nos ajuda a fazer isso. Seria interessante rever a revelação de Deus no Antigo Testamento lembrando quantos sinais, promessas e gestos de amor Ele realizou com nossos antepassados na fé.

*Chama Abraão para torná-lo “pai de uma multidão de povos” (Gn 17,5b) e para abençoar nele “todas as famílias da terra” (Gn 12,3b). O povo de Israel, nascido de Abraão, será sua propriedade pessoal. Deus se dá a conhecer a Moisés pelo nome. Seu nome misterioso, transcrito Yahweh, significa “eu sou” (Êx 3,14). Ele liberta Israel da escravidão no Egito, assina uma aliança no Sinai e, por meio de Moisés, dá ao seu povo a Lei. Repetidamente Deus envia profetas ao seu povo para chamá-lo à conversão e à renovação da aliança. Os profetas anunciam que Deus estabelecerá uma nova e eterna aliança, que trará uma renovação radical e uma redenção definitiva. Esta aliança será aberta a todas as pessoas. Finalmente, em Jesus Cristo Deus nos mostra toda a profundidade de seu amor misericordioso. Por meio de Jesus Cristo, o Deus invisível se torna visível. Torna-se homem como nós. Isso nos mostra a extensão do amor de Deus.*

Immagine che contiene testo

Descrizione generata automaticamenteDepois da revelação no Antigo Testamento, chega o sinal mais evidente do amor de Deus: Jesus Cristo, o seu Filho predileto. Ele é o sinal por excelência, a maior manifestação do compromisso de Deus com o homem. É isto que Jesus quis revelar aos seus amigos, especialmente aos seus amigos mais íntimos no Monte Tabor. Jesus é o sinal, **Jesus é o AMOR**. A melhor maneira que o Pai encontrou para nos amar foi nos dar seu Filho amado para nos amar como o Pai nos ama.

*“Seis dias depois, Jesus tomou consigo a Pedro, Tiago e João, e conduziu-os a sós a um alto monte. E transfigurou-se diante deles. Suas vestes tornaram-se resplandecentes e de uma brancura tal, que nenhum lavadeiro sobre a terra as pode fazer assim tão brancas. Apareceram-lhes Elias e Moisés, e falavam com Jesus. Pedro tomou a palavra: «Mestre, é bom para nós estarmos aqui; faremos três tendas: uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias.» Com efeito, não sabia o que falava, porque estavam sobremaneira atemorizados. Formou-se então uma nuvem que os encobriu com a sua sombra; e da nuvem veio uma voz: «Este é o meu Filho muito amado; ouvi-o».” (Mc 9,2-7)*

É nossa tarefa descobrir em Jesus, no Filho, o amor do Pai através da fé. O Pai tentou manifestar o seu amor de forma perceptível por nós e não encontrou caminho melhor do que Jesus, seu Filho. Perguntemo-nos: Jesus é um sinal de AMOR para mim? Sinto-me amado em Jesus? Sinto o amor de Jesus em sua vida?

É verdade que Jesus não nos ama corporalmente, como um pai, uma mãe, um amigo... a sua presença não é tangível como a de um ser humano comum, mas isso não significa que o seu amor não exista, não seja verdadeiro, não seja profundo. Ele nos ama todos os dias, em sua Palavra, na Eucaristia, na Reconciliação, nas pessoas que Ele nos dá, no fundo do nosso coração, quando nasce em nosso coração, entendemos para que fomos criados.

Diante deste amor que Deus tem por nós, devemos surpreender-nos, admirar-nos, maravilhar-nos, contemplar-nos... deixar-nos amar por Deus, para que se torne fonte de serviço e de amor aos outros. Quando experimentamos fortemente o amor do Pai em nossa vida, isso nos leva a retribuir o Seu amor com o amor pelos outros. E então o primeiro mandamento de amar a Deus torna-se o mandamento de amar o próximo. E acontece que, graças à nossa fé, amamos a Deus nos outros. É por isso que a nossa fé é uma resposta ao amor e ao mesmo tempo é amor de Deus a serviço dos outros.

***1.3.*** ***A fé é a resposta ao amor de Deus***

Quem quer crer precisa de “um coração atento” (1 Reis 3: 9). Deus tenta de muitas maneiras entrar em contato conosco. Em cada encontro humano, em cada experiência comovente na natureza, em cada caso aparente, em cada desafio, em cada dor, uma mensagem de Deus está escondida para nós. Ainda mais claramente ele nos fala quando se dirige a nós com sua palavra ou com a voz da consciência. Ele fala conosco como amigos. Portanto, devemos também responder a ele como amigos e acreditar nele, acreditar completamente nele, aprender a entendê-lo cada vez melhor e aceitar a sua vontade sem reservas.

A fé é conhecimento e confiança; a fé é um puro dom de Deus, que recebemos se o pedirmos com ardor; é a força sobrenatural necessária para obter a salvação; exige o livre arbítrio e a compreensão clara do homem quando ele aceita o convite divino; é absolutamente certo, porque tem a garantia de Jesus; é incompleto até que seja eficaz no amor; aumenta se escutamos atentamente a voz de Deus e através da oração experimentamos uma troca viva com Ele. A fé já nos permite saborear antecipadamente a alegria do Céu.

Esta fé nos permite amar e ao mesmo tempo aumenta o nosso amor. Somente quando cremos podemos amar sem esperar nada em troca, somente quando a fé sustenta nosso amor podemos perdoar de coração os que nos têm ofendido.

**Para a oração pessoal e a meditação**

1. Medite estas frases e ore:

* A medida do amor é amar sem medida. (São Francisco de *Sales*).
* O amor é alegria diante do bem; o bem é o único fundamento do amor. Amar significa: querer fazer o bem a alguém. (São Tomás de *Aquino*)

2. O que você precisaria para acolher o amor de Deus e percebê-lo em sua vida cotidiana?

3. Como cuidar do amor de Deus durante este ano? Como amá-lo e sentir-se amado por ele?

**Compromisso mensal**

Rezar e pedir insistentemente todos os dias ao Senhor... “Senhor, ajuda-me a experimentar o teu amor de Pai”.

# 2. EIS QUE ESTOU À PORTA E BATO

*“Por isso a atrairei, a conduzirei ao deserto e lhe falarei ao coração.” (Oséias 2,16)*

Deus é diálogo de amor e nos chama a dialogar com Ele.

Rezar é entrar neste diálogo com Deus, que nos procura e que deseja estar com cada um de nós.

* “A oração é um colóquio e comunicação da alma com Deus. Por meio dela falamos a Deus, e Deus reciprocamente nos fala; aspiramos a Ele e respiramos Nele; e mutuamente Ele nos inspira e em nós vive” (Teótimo VI, 1).*

*“Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e me abrir a porta, entrarei em sua casa e cearemos, eu com ele e ele comigo.” (Ap 3,20)*

Rezar é ter aberta a porta do nosso coração. Como diz Papa Francisco:

*“Deus é o amigo, o aliado, o esposo. Na oração pode-se estabelecer uma relação de confiança com Ele, a ponto que no “Pai-Nosso” Jesus nos ensinou a dirigir-lhe uma série de pedidos. A Deus podemos pedir tudo, tudo; explicar tudo, contar tudo. Não importa se no nosso relacionamento com Deus nos sentimos em falta: não somos bons amigos, não somos filhos agradecidos, não somos esposos fiéis. Ele continua a amar-nos. É o que Jesus demonstra definitivamente na Última Ceia, quando diz: «Este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado por vós» (Lc 22, 20). Naquele gesto, Jesus antecipa no Cenáculo o mistério da Cruz. Deus é um aliado fiel: até quando os homens deixam de amar, Ele continua a amar, mesmo que o amor o leve ao Calvário. Deus está sempre perto da porta do nosso coração e espera que lhe abramos. E às vezes bate à porta do coração, mas não é indiscreto: espera. A paciência de Deus conosco é a paciência de um pai, de alguém que nos ama muito. Diria que é a paciência de um pai e ao mesmo tempo de uma mãe. Sempre perto do nosso coração, e quando bate à porta, fá-lo com ternura e com muito amor.”*

*“Disse-vos essas coisas enquanto estou convosco. Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, irá ensinar-vos todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito.” (Jo 14, 25-26)*

Immagine che contiene testo, paramento

Descrizione generata automaticamenteO protagonista da oração é o Espírito Santo, o Espírito do Senhor Jesus, que deseja viver e caminhar conosco todos os dias. Entrar e habitar no nosso coração.

Como na parábola do pai misericordioso Deus perscruta continuamente o nosso coração, esperando sempre nos ver regressar a Ele, mesmo com um só aceno.

A oração é, antes de tudo, abertura a este olhar, a esta relação, ao dom que Deus quer nos fazer do Seu Amor, para que nós possamos percebê-lo, encontrá-lo, nos sentir amados por Ele e retribuir este amor em nossa vida cotidiana.

*“Se alguém me ama guardará a minha palavra e meu Pai o amará, e nós viremos a ele e nele faremos morada.”*

Ao falar conosco em Seu Filho (Palavra), Deus nos torna capazes de falar com Ele como filhos (oração).

A oração é, portanto, escuta da Palavra do Senhor, que nos é dada para entrar em plena comunhão e união com Ele: se nos confiarmos à Palavra, pouco a pouco seremos transformados por ela, porque ela é eficaz e opera conforme diz. A Palavra deve ser aceita não apenas como um ensinamento que pode iluminar a nossa mente, mas como uma semente que misteriosamente faz germinar no nosso coração, a vida de Jesus. Ele é “o Semeador” e nós somos convidados a ser “*os que ouvem a Palavra com coração reto e bom, retêm-na e dão fruto pela perseverança.*” (Lc 8,15*)*

*“Acercou-se dele, porém, uma tal multidão, que precisou entrar numa barca. Nela se assentou, enquanto a multidão ficava à margem. E seus discursos foram uma série de parábolas. Disse ele: “Um semeador saiu a semear. E, semeando, parte da semente caiu ao longo do caminho; os pássaros vieram e a comeram. Outra parte caiu em solo pedregoso, onde não havia muita terra, e nasceu logo, porque a terra era pouco profunda. Logo, porém, que o sol nasceu, queimou-se, por falta de raízes. Outras sementes caíram entre os espinhos: os espinhos cresceram e as sufocaram. Outras, enfim, caíram em terra boa: deram frutos, cem por um, sessenta por um, trinta por um. Aquele que tem ouvidos, ouça». Os discípulos aproximaram-se dele, então, para dizer-lhe: «Por que lhes falas em parábolas?» Respondeu Jesus: «Porque a vós é dado compreender os mistérios do Reino dos Céus, mas a eles não, para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não ouçam nem compreendam.»”*

*O significado desta parábola é este: a semente é a palavra de Deus. As sementes que caíram ao longo do caminho são aqueles que a ouviram, mas então o diabo vem e tira a Palavra de seus corações, para que não aconteça que, crendo, sejam salvos. Os que estão na pedra são aqueles que, ao ouvirem, recebem a Palavra com alegria, mas não têm raízes; eles acreditam por um tempo, mas no tempo de provações eles falham. Os que caíram entre os espinheiros são aqueles que, depois de ouvir, se deixam sufocar pelo caminho pelas preocupações, riquezas e prazeres da vida e não atingem a maturidade. Quem está na boa terra é quem, depois de ter escutado a Palavra com coração íntegro e bom, a guarda e produz fruto com perseverança.*

*“Mas o que muito em particular te aconselho é a oração de espírito e de coração e, sobretudo, a que se ocupa da vida e paixão de Nosso Senhor: contemplando-o, sempre de novo, pela meditação assídua, tua alma há de por fim encher-se dele e tu conformarás a tua vida interior e exterior com a sua. Ele é a luz do mundo; é nele, por Ele para Ele que devemos ser iluminados. Cre-me que não podemos ir a Deus, o Pai, senão por esta porta.”* (Filoteia II,1).

A oração visa a união com Deus e o cumprimento da Sua vontade, dá-nos o sentido correto da nossa miséria de criaturas e da nossa grandeza de filhos, torna-nos capazes de discernir lendo a realidade e a história com os olhos de Deus, faz-nos crescer em atitudes de fé, esperança e caridade.

*“A oração é o meio mais eficaz de dissipar as trevas de erros e ignorância que obscurecem a nossa mente e de purificar o nosso coração de todos os seus afetos desordenados. É ela a água da graça, que lava a nossa alma de suas iniquidades, alivia os nossos corações, opresso pela sede das paixões, e nutre as primeiras raízes que a virtude vai lançando, que são os bons desejos.” (Filoteia II, 1-2).*

*“Procuremos todos rezar assim, entrando no mistério da Aliança. Colocar-nos em oração nos braços misericordiosos de Deus, sentir-nos envolvidos por esse mistério de felicidade que é a vida trinitária, sentir-nos como convidados que não mereciam tanta honra. E, no assombro da oração, repetir a Deus: é possível que Tu só conheças amor? Ele não conhece o ódio. Ele é odiado, mas não conhece o ódio. Só conhece o amor. Tal é o Deus a quem rezamos. Eis o núcleo incandescente de toda a oração cristã. O Deus de amor, o nosso Pai que nos espera e nos acompanha”.* (Papa Francisco)

A melhor guia neste caminho é Maria, aquela que soube ser a boa terra da Palavra, que acolheu com o seu FIAT e gerou não só no coração, mas também na carne.

**Aprender a rezar**

São Francisco de Sales nos convida, em primeiro lugar, a preparar o coração:

Em primeiro lugar, vou lembrá-lo da preparação, que consiste nos seguintes pontos:

Ofereço-te quatro meios principais para se por na presença de Deus. Não espere usá-los todos de uma vez, escolha o que mais lhe convier, brevemente e com simplicidade.

* O primeiro meio é uma viva e atenta tomada de consciência de que Deus está presente em todas as coisas e lugares e não há lugar ou coisa que não manifeste sua presença. Mesmo sabendo, muitas vezes não pensamos sobre isso e, portanto, é como se não o soubéssemos. Por isso, antes da oração, dize de todo o coração a ti mesma: “Oh! Minha alma, Deus está verdadeiramente aqui presente!”
* O segundo meio de te pores na presença de Deus é pensar que Deus não somente está no lugar onde te achas, mas também que Ele está presente em ti mesma, no âmago de tua alma. E o teu coração é a tua sede privilegiada e particular!
* O terceiro meio, que te poderá ajudar, é considerar que o Filho de Deus, como homem, no céu olha para todas as pessoas do mundo.
* O quarto meio consiste em nos representarmos Jesus Cristo neste mesmo lugar onde estamos, mais ou menos como costumamos representarnos os nossos amigos. Estando, porém, na igreja, ante o altar do Santíssimo Sacramento, esta presença de Jesus Cristo é muitíssimo real: Ele ali está realmente presente, ele nos vê e considera realmente (Filoteia II, 1-2).

O segundo passo é aproximar-se da Palavra.

*“Tomo as passagens escolhidas para a oração. Renovo em mim a consciência de que esta Palavra está cheia do Espírito Santo e começo a lê-la com uma atitude de respeito e simpatia básica por ela. Leio e releio o texto, até que minha atenção interior se detenha mais em certas palavras, extraindo delas um certo sabor, um calor, ou até que perceba que algumas palavras começam a se relacionar mais vividamente comigo. Ou ainda quando entendo algumas palavras como particularmente importantes para mim, para a minha situação, para a nossa comunidade eclesial ou mesmo para o momento presente. Então paro aí e começo a repetilas em voz baixa, com atenção ao meu coração e ao meu relacionamento com esta Palavra que é uma Pessoa que me fala. Deste modo, enquanto repito estas palavras sagradas durante vários minutos, talvez com os olhos fechados, não estou tão atento ao seu significado, mas a quem são, do que estão cheias e para onde gostariam de me levar. Trata-se da Palavra de Deus que então desperta em mim uma veneração, um temor, um respeito. Como Orígenes ensinou, é uma palavra imbuída do Espírito Santo. Quando escuto a Palavra, a repito ou apenas presto atenção nela, é o Espírito Santo que age em mim. A relação que se estabelece com a Palavra é realizada pelo Espírito Santo e está Nele. É o Espírito que me abre para aquela atitude necessária para que a Palavra me fale. Já que a Palavra é uma Pessoa viva, para conhecê-la não preciso enfrentá-la com as minhas palavras. Também posso interromper a repetição da Palavra para contar ao Senhor algumas de minhas reflexões ou sentimentos que estou vivenciando naquele momento. O importante é que o tempo todo se mantenha essa fórmula de falar, pensar, rezar a um Tu, ou seja, mantenha uma atitude de relação com Deus. Não devemos ter medo de dizer, no início talvez até em voz baixa, as minhas reflexões, perguntas, agradecimentos, súplicas ao Senhor, chamando-o pelo nome.” (Rupnik – O discernimento).*

O terceiro passo é individualizar os bons propósitos que a oração despertou em nós

*“Terminando a meditação, Filoteia* ***cumpre que tenhas tão presente no espírito e no coração as tuas resoluções, que, sobrevindo a ocasião, as ponhas efetivamente em prática. Este é o fruto da meditação****. Terminando a oração, cuida bem de evitar as agitações violentas, porque essas emoções lhe neutralizam o bálsamo celeste que recebeu na meditação: quero dizer que, se te for possível, permaneça algum tempo em silêncio, e, conservando sempre os pensamentos e o gosto de teus afetos, vás passando assim suavemente da oração ao trabalho”.*

**Para a oração pessoal e a meditação**

1. A sua oração é uma escuta silenciosa da Palavra de Deus?
2. Esta escuta torna-se um diálogo verdadeiro e pessoal com o Senhor?
3. Você se deixa acompanhar por Maria, na oração, para ser terra boa?

**Compromisso mensal**

Dedicar um tempo à oração com a Palavra de Deus.

# 3. FILHOS NO FILHO CRIADOS À IMAGEM DE DEUS. A CONFIANÇA EM DEUS.

Abandonemo-nos ao Espírito Santo, acompanhados por Maria e olhando para ela: isto leva-nos a crescer na confiança em Deus.

O que significa **ter confiança em Deus**? Parece uma coisa muito simples, e em certo sentido o é, mas não chega a ser tão “natural”. Todos que estão vivendo a vida adulta, em suas várias etapas, experimentaram a tentação e provavelmente a realidade de querer ser “autossuficiente”. Em si, isso é bom, mas... torna-se ruim quando, afinal, “autossuficiência” significa que quero ser eu a liderar a minha vida, estando convicto de que sou eu quem melhor sabe o que é bom para mim.

Nesse sentido, Papa Francisco nos lembrou que é importante fazer o que Naamã, o Sírio, fez quando quis ser curado da lepra. Ele teve que concordar em tirar a armadura e as vestes suntuosas que usava para se banhar no Jordão, como todos os outros. Naamã teve que confiar no profeta Eliseu e teve que deixar de lado seu orgulho e vestir-se de humildade. Assim também o samaritano que era leproso soube voltar e agradecer a Jesus. O Senhor Jesus é mais importante que tudo, até do que a cura em si e o cumprimento das regras! (cf. Francisco, Homilia pela canonização de São João Batista Scalabrini e Santo Artêmides Zatti, 9 de outubro de 2022).

Confiar em Deus, então, pode ser descrito como a convicção profunda (e em contínuo crescimento) de que é Deus quem sabe - melhor do que eu! - o que é bom para mim. Isso é muito fácil de dizer ou escrever, mas não é fácil de viver. Bastaria examinar alguns exemplos da minha oração de súplica. O que normalmente peço a Deus para mim? Por exemplo, quando não me sinto bem, peço pela minha saúde para “continuar a servi-lo com alegria”. OK: mas parei por um momento para me perguntar se ter boa saúde, neste momento, é realmente o melhor para mim? Certamente o é do ponto de vista humano, mas o é também do único ponto de vista que importa - o do Pai?

Quando um ente querido está gravemente doente, oramos para que ele possa reaver a saúde. Mas se a única maneira de essa pessoa estar verdadeira e totalmente no abraço de Deus fosse passar por essa doença - e morrer? Se eu soubesse disso, ainda rezaria pela saúde desse ente querido? Ou não rezaria para que se cumprisse o plano do Pai para ele, fosse qual fosse? Porque a coisa mais importante de tudo não é ter saúde ou não, mas chegar, no final da experiência terrena, ao abraço do Pai. Se eu realmente tiver confiança em Deus, a minha perspectiva muda. Isso não significa que eu pare de rezar pelas necessidades clássicas da minha vida e da vida dos meus entes queridos e do mundo, mas que aprenda a ter em cada oração de súplica, um pensamento do tipo: “Se esse é o Seu plano, Pai...”; “Se esta é a Sua vontade...”; “Eu rezo para que N.N. sare, se isso o ajudar a chegar até Vós para sempre…” ou algo assim. Afinal, uma oração de súplica sem este “adicional” importantíssimo é um pouco como ir ao Pai como vamos a uma máquina de venda automática, não para bebidas, mas para graças! A minha oração é como a moeda que coloco. Se a graça não “cair”, o distribuidor “roubou” a moedinha! Este não é o Deus de Jesus Cristo!

“Ah, então esse Deus é um Deus cruel!” De jeito nenhum! Ele é um Deus que se põe em risco, porque, em Jesus seu Filho, na cruz, o Pai está próximo de todos aqueles que sofrem e se encontram em dificuldades, de maneira que nós, seres humanos, nem sequer podemos imaginar. No entanto, é necessária uma profunda atitude de confiança e isso é difícil na ótica da autossuficiência. Na verdade, muitas vezes se torna “autorreferencial” - esta linda palavra italiana que usamos muito e que é quase impossível de traduzir para outros idiomas! Em inglês, se traduz como “selfishness” - egoísmo!

**É por isso que Jesus nos pede para nos tornarmos crianças!**

Em Mateus 18, 2-4, o evangelista põe nos lábios de Jesus aquelas famosas palavras: “Jesus chamou uma criancinha, colocou-a no meio deles e disse: «*Em verdade vos declaro: se não vos transformardes e vos tornardes como criancinhas, não entrareis no Reino dos Céus. Aquele que se fizer humilde como esta criança será maior no Reino dos Céus*.»” Trata-se de “tornar-se” criança e não de “permanecer” e nem mesmo estritamente falando de “tornar-se” criança novamente. Tornar-se indica um processo de crescimento ao longo da vida - como qualquer verdadeiro processo espiritual. Só um adulto que se confia ao Pai, por meio de Jesus, no Espírito Santo, pode “tornar-se” criança... e a principal característica da criança é que ela confia no pai e na mãe. Ela é tão segura do amor dos pais por ela que não precisa de mais nada: nem poder, nem posição, nem reconhecimento, nem “autossuficiência”. Viver como uma criança em um mundo de ferrenha competição não é fácil. Devemos ser adultos mantendo o coração de uma criança, um coração que repousa em Deus, que se abandona em Deus, Ele saberá ser o nosso defensor. É nosso Pai, é fiel. Muitas vezes nos agitamos em vez de nos confiarmos ao Senhor com confiança (nota do editor: Livre adaptação das palavras do escritor Jacques Philippe).

Um amigo certa vez contou uma aventura sua quando criança. Tinha mais ou menos uns 5 ou 6 anos e sua família foi passear nas montanhas: um dia maravilhoso e muito cansativo. No caminho de volta ao local onde haviam deixado o carro, meu amigo se lembra de ter se sentido muito cansado. Recorda-se que o pai ficou de mãos dadas com ele de um lado e a mãe do outro, e desceram assim, o caminho. Ele não sabia mais se estava a caminhar ou voar... Eles chegaram ao carro “sãos e salvos”; ele se acomodou no banco de trás e caiu em um sono profundo durante todo o caminho para casa. Muitos anos após o ocorrido, meu amigo ainda usava essa imagem para descrever o que é a confiança em Deus: é como andar em um caminho de montanha com confiança, pois as mãos de papai e mamãe me sustentam e nunca permitirão que eu caia e me machuque... Uma imagem infantil? Pelo contrário: uma imagem poderosa em sua simplicidade, para nós adultos que gostaríamos de fazer tudo sozinhos e tendemos a recorrer ao Pai apenas quando estamos em apuros.

A fonte deste estilo de confiança, o modelo, é o próprio Jesus. Na Carta aos Hebreus, o autor sagrado coloca estas palavras nos lábios de Jesus:

“*Eis por que, ao entrar no mundo, Cristo diz: «Não quiseste sacrifício nem oblação, mas me formaste um corpo. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te agradam.» Então, eu disse: «Eis que venho - porque é de mim que está escrito no rolo do livro - venho, ó Deus, para fazer a tua vontade.»*” (Hb, 10, 5-7)

É neste contexto que a Escritura nos convida a ler todo o mistério da Encarnação (cf. Lucas 2), que é um mistério muito profundo de confiança do Filho no Pai e do Pai no Filho. Jesus vem ao mundo não porque “gosta” de uma maneira particular, não para se realizar como pessoa, e nem mesmo para nos mostrar quão bom Ele é, mas para fazer a vontade do Pai. Esta é a base da atitude de confiança que atingirá níveis muito elevados no Getsêmani (cf. Lc 22,42: “Pai, se queres, afasta de mim este cálice! Todavia não seja feita a minha, mas a tua vontade”) e na cruz (cf. Lc 23,46: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.”).

Claro que, mais uma vez, vemos como essa é uma atitude que demora muito para se tornar conatural... É importante não desanimar, se percebermos que ainda estamos tão longe desse ideal.

Se pegarmos tudo isso como pano de fundo da história da Encarnação em Lucas 2, talvez possamos compreender o sentido de desenvolvimento e de realização que se lê nas entrelinhas desse capítulo do terceiro evangelho. Gostaria de saber porque o censo acontece - e a viagem de José e Maria consequentemente - justamente quando Maria está grávida e prestes a dar à luz? Não poderia ter sido escolhido um momento melhor? Será que eles não conseguiram encontrar um lugar em uma pousada? Sim, havia casa cheia devido ao censo... E as primeiras testemunhas? É possível que tenham sido justamente os pastores - pessoas de má reputação segundo a mentalidade da época (estavam sempre com os animais e depois trabalhavam à noite, como ladrões...)?

Atenção, uma observação sobre Maria é repetida duas vezes neste capítulo de Lucas: no versículo 19 e depois no versículo 51b - “Maria conservava todas essas palavras, meditando-as no seu coração”. Aqui está uma indicação importante que nos vem justamente de Maria, mestra em se tornar como uma criança: a meditação, a oração silenciosa. O mistério da obediência de Cristo só pode ser enfrentado desta forma: com a oração.

Immagine che contiene testo, montagna, esterni, cielo

Descrizione generata automaticamenteMaria, por sua vez, mostra-nos como acolher a vontade de Deus. No final da narração da Anunciação, Maria sai com aquela afirmação impressionante: “Eis a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1, 38). O que ela entendeu, naquele momento, de tudo o que aconteceria com ela não está claro. Certamente não era muito.

Quantas perguntas terão passado pela sua mente e pelo seu coração naquele momento... E quantas outras durante o caminho da vida cotidiana, especialmente nos 30 anos em Nazaré, quando ela terá se perguntado: “É este realmente o Filho de Deus? Esse meu filho que ri e chora, dorme e come, cai e rala os joelhos...? Esse menino em cujos olhos reflete a limpidez do céu, mas que não faz nada de especial? Estuda como todos na sinagoga e aprende o trabalho do pai? Este jovem que evidentemente tem um grande coração que ama a todos, mas não parece interessado em nenhuma garota de sua idade? O que será dele? O que será daquela promessa, de quase trinta anos atrás?”

No entanto, Maria confiou e deixou a mão de Deus sustentá-la durante o “transcorrer” de toda a sua vida. Certamente houve muitos momentos de escuridão, mas Maria decidiu nunca largar aquela mão que agarrou no dia em que disse o seu “sim”. E para isso escolheu a atitude de meditação e oração silenciosa. Um dos caminhos mais privilegiados da revelação de Deus – tal como ele é - é precisamente o mistério da Virgem Maria. É bom ver como Maria está presente hoje na vida do mundo. Se nos confiamos a ela, se nos deixamos educar por ela, ela nos dá acesso ao verdadeiro conhecimento de Deus, porque nos introduz na profundidade da oração e da confiança autêntica. Se nos colocamos totalmente em suas mãos, ela nos educa e nos comunica o verdadeiro conhecimento de Deus. (nota do editor: Livre adaptação de palavras do escritor Jacques Philippe).

À luz da Estreia 2022, que nos convidou a redescobrir a figura de São Francisco de Sales, no 400º aniversário da sua morte, parece-me que podemos encontrar algumas ideias interessantes precisamente sobre a obediência e a confiança em Deus. O próprio título da Estreia foi extraído de uma carta de Francisco para Joana Francisca de Chantal. O ponto preciso diz:

Mas se você gosta muito das orações que indicou acima, não mude, por favor, e se você parece desistir de algo que eu proponho a você, não seja escrupulosa, porque a regra da nossa obediência, que escrevo a você em letras grandes, é: FAÇA TUDO POR AMOR, NADA POR FORÇA; É MELHOR AMAR A OBEDIÊNCIA DO QUE TEMER A DESOBEDIÊNCIA.” (Carta CCXXXIV. À Baronesa de Chantal, 14/10/1604, OEA XII, 359)

“*É melhor amar a obediência do que temer a desobediência*”. Estas palavras dão-nos um vislumbre da abordagem de Francisco de Sales ao tema da obediência. Ela só funciona em um contexto de amor e de confiança totais e não pode se basear no medo de errar. Seria um pouco como decidir parar de correr ou até mesmo de andar, porque senão você poderia cair!

Para isso, Francisco de Sales sugere o importantíssimo caminho da oração, como comunicação do coração do homem que fala ao coração de Deus. Aquele Deus que não é apenas Deus do coração humano, mas também “amigo do coração humano”. Portanto, através deste tipo de oração, trata-se de amar a vontade de Deus, de fazer coincidir a batida do nosso coração com a batida do coração do Mestre... porque a oração não é pensar muito, mas amar muito... (cf. Á. Fernández Artime, “Faça tudo por amor, nada por força” Estreia 2022 pp. 22-23).

**Para a oração pessoal e a meditação**

1. Em que áreas da minha vida costumo ser mais “autossuficiente”, ou mesmo “autorreferencial” e como combino isso com meu relacionamento com Deus?
2. Como concebo minha oração de súplica? De acordo com quais parâmetros? E é realmente feita à luz do plano de Deus ou apenas do meu? Ainda posso descobrir em mim momentos em que me volto para o Pai como uma “máquina de venda” de graças?
3. Em que ponto me encontro no meu caminho de me tornar criança? Como agarrei a mão de Deus que me sustenta e como permaneço de mãos dadas com Ele?
4. Procuro imitar Jesus, baseando minha confiança na minha escolha de obediência à vontade do Pai? Como?
5. Reflito sobre o caminho humano de fé de Maria, do “fiat” ao Pentecostes?
6. Amo a obediência ou prefiro temer a desobediência? Às vezes sou tentado a parar de caminhar para não cair?
7. A minha oração pessoal, feita de silêncio, tornase cada vez mais uma experiência do meu coração que fala ao coração de Deus? Ou ainda há muito “barulho” e muito de mim, muito pouco Dele?

**Compromisso mensal**

Acrescente a cada oração de súplica um pensamento como: “se este é o seu plano, Pai...”; “Se esta é a sua vontade...”.

# 4. “AMO-OS ATÉ O FIM” (JO 13,1)

**1. Reconhecer o coração do presente...**

"Continue a vencer bem nessas pequenas contradições diárias que esbarram em você, e direcione para isso o melhor de seus desejos. Saiba que, por enquanto, Deus não quer nada mais de você do que isso; e, portanto, não perca seu tempo querendo fazer outra coisa. Não semeie seus desejos no jardim alheio, mas apenas cultive bem o seu. Não deseje não ser o que é, mas deseje ser quem você é e da melhor maneira possível. Direcione seus pensamentos para se aperfeiçoar nisso e para carregar as cruzes, grandes ou pequenas, que você encontrar no lugar que lhe for designado. E acredite em mim: este é o grande segredo e o segredo menos compreendido da vida espiritual. Cada qual ama o que é de seu gosto, e poucos amam o que é de acordo com seu dever e o gosto de nosso Senhor. De que adianta construir castelos na Espanha se temos que morar na França? Esta é uma velha lição minha, e você a entende bem”. (Carta à esposa do presidente Brulart, junho de 1607)

Escolher um tempo presente para amar ou escolher amar o presente? Podemos fazer nestas palavras, a pergunta que Francisco de Sales faz para uma de suas filhas em uma carta de 1607. Na realidade, depois de séculos, esta pergunta feita pelo santo Bispo de Genebra, chega até nós, colocando-se com força, em nosso coração, neste tempo de Advento que nos prepara para o Natal do Senhor.

As palavras de Francisco de Sales nos revelam, neste tempo, o segredo mais profundo da santidade e nos ajudam a desmascarar uma das mais frequentes e insidiosas tentações que, geralmente, também fica em nosso caminho. O Santo de amorevolezza com um tom delicado e decisivo nos faz entender com clareza, que, o único jardim no qual a semente da santidade, plantada pela graça de Deus e cuidada por nossa liberdade, pode crescer, florir e amadurecer é justamente o jardim do nosso presente, do aqui e agora. É apenas no aqui e agora do nosso tempo e do nosso espaço, das nossas condições de vida e de saúde, das nossas heranças, dos nossos afetos, do nosso trabalho, e das mil circunstâncias do nosso cotidiano, da nossa pequenez e da nossa fé sempre a caminho. É um presente que, por vezes, nos parece angustiante, e outras vezes nos revela incrédulas surpresas, um presente sempre imperfeito e minado pela passagem dos dias, um presente que é o único tempo verdadeiro, concreto e real da nossa vida. O tempo no qual a nossa vida acontece. Não é sempre de imediato, evidente, reconhecível e visível, a presença de Deus que representa a verdadeira e autêntica riqueza que o nosso presente vale. Trata-se, de fato, de uma riqueza ao mesmo tempo profunda e preciosa, que não se impõe, e não busca espaços de protagonismo, mas, que de maneira discreta e concreta escolhe apenas não se retirar e continuar a habitar e a abençoar este tempo não o transformando em um outro tempo, mas transfigurando-o para o que é, em um tempo de graças.

E isto Francisco de Sales sabe muito bem, sabe que se não reconhecermos a visita de Deus no hoje, dificilmente a reconheceremos no amanhã, porque também o amanhã, ao chegar, chamará hoje. Então, neste tempo, o santo de Savóia, conhece muito bem a tentação de se evadir do presente, que, de uma maneira ou outra, bate à porta do nosso coração. É sugestiva a tentação de não viver o aqui e agora, deixar de lado a aparente monotonia, a aridez, a esterilidade do cotidiano para ir em busca de outras coisas, um jardim mais prometedor, mais adaptado a hospedar e acolher o nosso caminho de santidade. Variadas e coloridas podem ser estas metas da nossa fuga para outro lugar. Às vezes nos refugiamos no passado, idealizando a beleza de um tempo que não existe mais. Outras vezes, ao contrário, protelamos em direção ao futuro imaginado e imaginário, sonhando-o privado daquelas asperezas, imperfeições que nos acompanham no presente. Outras vezes ainda, desejamos fugir para um presente diferente, real ou virtual, onde nos parece que, condições, situações e circunstâncias são muito mais propícias para o nosso caminho de seguir o Senhor. Diante destas tentações que conhece muito bem, o Bispo de Genebra nos indica, com resolutividade em nosso presente vivido sem “descontos” e sem escapatórias, o único espaço real e concreto no qual é possível encontrar o Senhor, o único lugar em que o Senhor desperta e no qual não cessa de vir nos visitar e abençoar a nossa vida. Estar no presente certamente não é fácil, e reconhecer o presente como o lugar no qual o Senhor nos vem ao encontro, obviamente não significa petrificar a realidade existente em uma gélida e glacial imobilidade, na qual nada muda, nada se transforma. O segredo que o santo Bispo nos revela é muito mais profundo e precioso.

Immagine che contiene testo, tessuto

Descrizione generata automaticamenteFrancisco de Sales nos sugere que jamais encontraremos o Senhor, nem haverá um encontro com Ele em outro lugar, talvez perfeito, que não neste presente assim como o é, nas suas luzes, nas suas sombras, nas suas escuridões e, também nas suas contradições. O Senhor jamais será encontrado senão O reconhecermos nas entrelinhas e nas dores da realidade, no jardim da nossa vida e da nossa história; naquela França que vendo as mil vantagens e méritos de uma hipotética Espanha é o único verdadeiro terreno da nossa vida. Só assim será possível experimentar que o Senhor não nos vem de encontro porque habitamos em um presente sempre perfeito devido a nossos esforços, mas, sim, nos encontra onde estamos, porque ama infinitamente e simplesmente a nossa vida.

O Senhor não nos pede para sermos outra pessoa diferente do que somos, nem para irmos além de onde já nos encontramos, mas habitualmente nos pede a humildade de acolher a Sua vinda na pobreza deste presente que, como a manjedoura de Belém, é o único lugar no qual Deus nos pede para estar hospedado. E é precisamente desta experiência, de ter reconhecido no Senhor o hóspede muitas vezes despercebido da nossa vida cotidiana, que recebemos a força para caminhar e crescer na santidade. A santidade não é, portanto, como muitas vezes pensamos, substituir este presente, com a nossa vida e a nossa história, por outro presente, radicalmente novo e totalmente diferente, que apaga num instante, como com uma esponja, o que somos e o que fomos para abrir espaço para um novo começo que prenuncia melhores chances de sucesso começando do zero. Tampouco a santidade, é procurar progredir, crescer e melhorar, com a nossa própria força de vontade e esforço, como se Deus, tendo-nos deixado intuir um caminho a seguir, nos esperasse na meta, interessado e intrigado para avaliar a eficácia do nosso esforços e a durabilidade da nossa perseverança, como se de alguma forma devêssemos merecer e conquistar o Seu Amor à força dos esforços e dos resultados obtidos. A santidade cujo segredo Francisco de Sales nos revela é, na realidade, algo infinitamente mais belo e maior, algo infinitamente mais divino e imensamente mais humano. Santidade não é tentar, por força de vontade, não ser o que somos e ser diferente do que somos, negando que Deus quis, abençoou e amou a nossa irrepetível singularidade. A santidade, ao contrário, é justamente viver este presente, ou seja, tentar ser quem somos de forma perfeita, não como meta de nossos esforços, mas à luz do descobrimento e do reconhecimento de nós mesmos, com infinita e nunca esgotada maravilha, destinatários privilegiados do Amor eterno, infinito e fiel de Deus que não conhece hesitações, dúvidas e vacilações, a ponto de dar a própria vida por nós. E é precisamente este saber que somos livres e infinitamente amados por Deus, chamados a responder e não a correr atrás do Seu Amor, que permite que a nossa vida floresça na verdadeira e autêntica santidade, na reflexão, de modo único e irrepetível, de uma maneira que é e será só nossa, nos traços do nosso rosto os traços do rosto do Senhor.

O Amor de Deus, a sua presença ao nosso lado, o seu habitar neste mesmo cotidiano, não nos transfere magicamente para um presente diferente, mas transforma e transfigura radicalmente este presente, renovando-o, fazendo-o florescer e frutificar em todas as suas potencialidades e possibilidades de bem, de luz e de alegria. Em nossa vida e em nosso presente, como bem nos mostra Francisco de Sales, se tivermos a coragem de habitá-lo e desenterrá-lo, descobriremos que Deus não descarta, mas redime, não condena, mas purifica, não dá sugestões, mas ama. E este é precisamente o segredo da santidade. Não ter que fazer esforço para florescer para ser amado, mas, conseguir florescer graças ao fato de já termos sido amados infinitamente, sem “ses” e sem “mas”, não devolvidos ao remetente por nossos defeitos de fabricação, frutos muitas vezes também o resultado das escolhas erradas da nossa liberdade, mas redimidas e renovadas radicalmente pelo Amor maior que nos amou até o fim, ou seja, até a morte e morte de cruz. A santidade não é ser diferente de nós mesmos, mas tornar-nos, através do tecido diário da graça e da liberdade, plenamente nós mesmos, o que somos chamados a ser, ou seja, não o que sonhamos ser, mas como Deus nos sonhou desde toda a eternidade e nunca para de sonhar. E não é possível viver tudo isto noutro lugar, mas apenas no centro e no coração do nosso presente, habitado, animado e amado por Deus.

**2. ...** **a presença Amorosa de Deus...**

Do Evangelho de João (Jo 13, 1-17):

*“Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo ao Pai, como amasse os seus que estavam no mundo, até o extremo os amou. Durante a ceia – quando o de-mônio já tinha lançado no coração de Judas, filho de Simão Iscario-tes, o propósito de traí-lo –, sabendo Jesus que o Pai tudo lhe dera nas mãos, e que saíra de Deus e para Deus voltava, levantouse da mesa, depôs as suas vestes e, pegando duma toalha, cingiu-se com ela. Em seguida, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. Chegou a Simão Pedro. Mas Pedro lhe disse: «Se¬nhor, queres lavar-me os pés!» Respondeu-lhe Jesus: «O que faço não compreendes agora, mas irás compreendê-lo em breve.» Disse-lhe Pedro: «Jamais me lavarás os pés!» Respondeu-lhe Jesus: «Se eu não os lavar, não terás parte comigo.» Exclamou então Simão Pedro: «Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça.» Disse-lhe Jesus: «Aquele que tomou banho não tem necessidade de lavarse; está inteiramente puro. Ora, vós estais puros, mas nem todos!» Pois sabia quem o havia de trair; por isso, disse: «Nem todos estais puros.» Depois de lhes lavar os pés e tomar as suas vestes, sentouse novamente à mesa e perguntou-lhes: «Sabeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou. Logo, se eu, vosso Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar-vos os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós. Em verdade, em verdade vos digo: o servo não é maior do que o seu Senhor, nem o enviado é maior do que aquele que o enviara. Se compreenderdes essas coisas, sereis felizes, sob condição de as praticardes.» ”*

É a presença de Deus no coração do nosso presente que faz do nosso presente, mesmo nas suas imperfeições inevitáveis e imprevisíveis, o lugar onde a nossa santidade é chamada a florescer. A presença de Deus no coração do nosso presente dá-nos a graça e a força de estarmos presentes no nosso presente, vivendo-o na presença Daquele que, eternamente presente, nos ama e constantemente nos acompanha com o seu amor na nossa vida cotidiana. É a escolha de Deus para habitar o nosso tempo que torna o nosso tempo habitável, um lugar onde é possível receber, reconhecer e retribuir o Seu Amor. E neste nosso caminho que, levando-nos a habitar o nosso presente, ajuda-nos a escapar e a fugir da sempre espreita tentação de nos refugiarmos noutro lugar, um tempo privilegiado é certamente o do Advento.

O Advento é o tempo litúrgico que, de ano a ano, a Igreja nos oferece para nos prepararmos, caminhando em comunhão e em comunidade, para o mistério do santo Natal do Senhor. O Advento é um tempo de graça absolutamente especial, um tempo que nos é dado para que possamos renovar o nosso espanto e despertar a admiração diante do fato mais chocante e imprevisível de todos os tempos, um fato que mudou a história para sempre. Um antigo filósofo afirmou com inabalável certeza: “uma coisa é certa, nenhum Deus jamais desceu aqui!”. Perante esta afirmação que exclui categoricamente que Deus possa de algum modo aproximar-se e fazer-se presente no presente dos homens, surge o mistério inesperado e inédito de Belém que o evangelista João condensa nestas palavras que de tempos em tempos não param de ecoar na história: “*o Verbo se fez carne e habitou entre nós*” (Jo 1,14).

Na gruta de Belém, Deus, por sua livre escolha de Amor, não fica longe e distante, não envia ao homem um mensageiro ou um código de comportamento, mas se faz homem, nascendo da Bem-Aventurada sempre Virgem Maria. No Natal, Deus Pai envia no mundo, pelo poder do Espírito Santo, o Seu Filho unigênito, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo em Seu Amor. É este o mistério da encarnação que nos preparamos para celebrar no Natal, o mistério do amor de um Deus que, para salvar o homem, não hesita em se envolver pessoalmente na história da humanidade, cruzando as fronteiras do eterno e vindo habitar no coração do tempo, da história, do presente de cada homem. É no Natal que o Filho de Deus, consubstancial ao Pai, vem habitar o coração do nosso presente, para que cada homem, no cerne de seu presente, possa encontrar o coração bem aberto de Deus. No Natal, Deus fazendo-se homem, não decide recriar um “outro presente” do nada, mas escolhe renovar e recriar o nosso presente com o Seu Amor, que vence cada distância, cada solidão, cada abandono. Com a encarnação o eterno se faz nômade por Amor ao homem, aceitando vir habitar no meio de nós, armando a Sua tenda em nosso tempo, para que cada um de nós, percorrendo o próprio caminho, possa descobrir e experimentar ser constantemente e dia-a-dia acompanhado pelo Emanuel, Deus conosco.

E é justamente este mesmo Amor, o Amor que leva Deus se fazer homem no Natal, que se manifesta e completa definitivamente na Páscoa, de morte e ressurreição o Senhor, no seu dar a vida “por nós e por todos”, para a salvação de cada homem. No mistério do Nata e da Páscoa, eventos que talvez nos pareçam, à primeira vista tão diferentes e distantes, pulsa a mesma lógica do Amor, vive o próprio Amor infinito e imensurável de Deus pelo homem. É justamente na cruz que o Amor de Deus é divulgado e revelado em toda a sua inacreditável e infinita profundidade. É um Amor que ama até ao fim, sem descontos e sem segundas intenções, um Amor que escolhe habitar o último lugar, o lugar dos abandonados, para que nenhum homem, mesmo o mais distante, longínquo e desesperado, seja excluído deste abraço de salvação, aberto para sempre ao coração do mundo. Depois da Páscoa não há e nunca mais haverá, até o fim dos tempos e da história, um presente no qual Deus não esteja presente, um presente em que, se aceitarmos acolher o dom do Amor que sempre nos é oferecido, veremos Deus que nos ama e nos salva. E é precisamente por isso, para que o Amor de Deus até o fim esteja também presente no coração do nosso presente, que o Senhor, na noite em que foi traído, nos deu e entregou a Eucaristia, o sacramento perene do Seu Amor por nós. Precisamente por isso a Eucaristia é o maior tesouro que Deus confiou à sua Igreja, fonte e coração palpitante da vida da comunidade cristã e do caminho de cada filho de Deus. Na Eucaristia, o dom do Amor vivido pelo Senhor na cruz, não fica como uma recordação presa num passado cada vez mais longínquo, mas na força do Espírito Santo torna-se presente no coração do nosso presente, chegando na nossa vida, no aqui e agora do nosso tempo. No “pão cotidiano” da Eucaristia, partido dia após dia para nossa salvação, a cruz do Senhor, o sacrifício de um Deus que sacrificou a si mesmo por nossa salvação, cruza e quebra os limites do tempo, tornandose uma fonte viva do Amor, a qual hoje podemos tocar em nosso presente. É a Eucaristia o lugar que descobrimos quem somos aos olhos de Deus, filhos muito amados, pelos quais o Pai não hesitou em sacrificar o Seu único Filho, para que ninguém se perca, e todos possamos ser salvos. O mesmo sacrifício, a mesma cruz, o mesmo Amor infinito, na Eucaristia se tornam presentes neste tempo e neste espaço para que, até os confins do mundo e do tempo, todo homem possa experimentar e receber a salvação de Deus. É a Eucaristia que, tornando-se presente a cruz do Senhor e plantando-a no coração do nosso presente, nos doa a graça de podermos habitar e viver este nosso tempo presente, sem nos refugiarmos para outro lugar; como um tempo de graça, e nele reconhecermos e encontrarmos o rosto de Deus. Então compreendemos as palavras de um padre da Igreja, que comparando Cristo ao amado mencionado no Cântico dos Cânticos, via na encarnação, na cruz e na Eucaristia, os três “saltos de amor” com os quais Deus no seu Filho quis fazerse presente no presente de cada homem.

São as palavras do evangelista João que nos permitem recolher, mesmo na nossa pobreza, quatro centelhas deste Amor infinito que somos chamados a acolher todos os dias na Eucaristia. Como sabemos João, diferentemente dos sinóticos, ao narrar a última ceia do Senhor não narra a instituição da Eucaristia, mas nos dá a cena do lava-pés em que o Mestre e o Senhor, na noite em que foi traído, amou os Seus até o fim, inclinando-se para lhes lavar os pés. É este gesto, que ficou para sempre impresso nas páginas de João e no coração da história, que nos revela o significado profundo da Eucaristia, da qual o lavapés constitui a “explicação” que o próprio Senhor nos deu.

**a. O dom da presença.** Na Eucaristia o Senhor, hoje aqui e agora se torna presente no coração do nosso presente, não em outro lugar. Na Eucaristia Deus não nos dá os conselhos e as orientações, mas escolhe nos demonstrar o Seu Amor, de forma mais radical e profunda que existe, isto é, com a linguagem da presença. Amar é se fazer presente, é justamente aqui que cria raízes a assistência salesiana. Deus não se contenta em nos dizer ou nos dar qualquer coisa, mas na Eucaristia escolheu vir, com todo o seu próprio ser, para habitar este tempo presente, não um outro tempo. A presença, o partilhar do tempo, é a base e o fundamento de todo Amor. Com a Eucaristia Deus não escolhe habitar o nosso passado ou o nosso futuro, mas faz do aqui e agora, às vezes tão áspero e seco, o tempo privilegiado no qual encontra, ama e salva a nossa vida.

**b. O sacrifício.** A presença de Deus no nosso presente não é um fazer-se presente distraído, indiferente, curioso, não é uma tocata e fuga. Na Eucaristia Deus não vem dar uma olhada em nosso presente, não olha pela janela da minha história para uma inspeção rápida no canteiro de obras da minha vida, mas irrompe na minha vida com toda a carga e a força explosiva do Seu Amor que não hesitou em sacrificar-se por mim, até o fim, até o seu último suspiro. A presença de Deus que a Eucaristia suscita no coração da nossa vida não é uma presença morna, tímida e inerte, não é uma presença sonolenta e distraída, mas é um fogo ardente de Amor, é o próprio Deus que, para salvar minha vida não hesita em se sacrificar. Na Eucaristia, o nosso presente não é alcançado por promessas vagas ou garantias genéricas, mas é alcançado pelo dom do Amor infinito de Deus, de um Deus que se envolveu até o fim na minha história. Deus escolhe pagar o preço mais alto, o sacrifício de si mesmo, para me amar a qualquer custo, ele escolhe hoje se entregar e se doar para que neste presente o homem tenha vida e vida em abundância.

**c. A comunhão**. Muitas vezes nós, cristãos, pensamos que caminhar com Deus é um assunto privado, um assunto que diz respeito a cada um considerado individualmente, um assunto privado, para indivíduos, certamente não algo que abra o horizonte de um caminho em comunidade. Mas a beleza muitas vezes ignorada e esquecida de ser cristão é precisamente a de pertencer à Igreja, a uma comunidade de irmãos e irmãs em comunhão e a caminho como povo, como família de Deus. E este é precisamente o dom que brota hoje da Eucaristia, é da Eucaristia que nasce e vive a Igreja, a comunhão daqueles que, descobrindo-se amados pelo mesmo Amor, caminham amando-se como o Senhor nos amou. A Eucaristia não é algo que é dado a mim e para mim, independentemente dos outros. Esta não é e não pode ser em caso algum e por nenhuma razão a lógica do Amor, muito menos do Amor de Deus! O amor não divide, mas cria e recria a unidade, tecendo relações e, também, renovando aqueles laços, que por diversos motivos, podem ter se afrouxados ou mesmo interrompidos. Recebendo a Eucaristia, o Corpo de Cristo dado para nós e por todos, recebemos ao mesmo tempo a graça de sermos membros do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja, e do qual o próprio Cristo é a Cabeça. Não é possível pertencer a Cristo e não se descobrir pertencente ao Seu Corpo. É justamente na Eucaristia que nos é dada uma comunidade de irmãos e irmãs para amar e por quem nos deixar ser amados, é fazendo a comunhão que, a par de toda a simpatia e opinião, entramos em comunhão com quem está ao nosso lado, mesmo se desconhecido, que recebera o mesmo dom de Amor. É o nos descobrir amados pelo mesmo Amor e chamados a nos amar com o próprio Amor que recebemos, para nos fazer sentir que a Eucaristia nos faz Igreja, confiando-nos aos irmãos e confiando-nos irmãos para amar.

**d. O testemunho**. A Eucaristia, como repetimos em cada celebração, não é dada apenas para o “Vós” dos discípulos e da Igreja, mas é dada “para todos”, para acolher e reunir em um único Amor, os filhos de Deus que ainda estão dispersos. A Eucaristia, a cruz de Cristo que envolve e renova hoje a minha vida, não encerra em meu eu e não nos fecha em um grupo de elite, um clube exclusivo. A Eucaristia, que nos faz descobrir amados e nos torna Igreja, insere-nos no mesmo movimento de Amor que pulsa no coração de Deus, um Amor que não tem paz e não descansa enquanto alguém estiver longe, distante e sozinho, enquanto alguém não experimentar a beleza de saberse e se sentir amado como filho. A Eucaristia não nos encerra, mas lança-nos e relança-nos no mundo, como comunidade, para “contar” sobre ela a quem ainda não encontrou aquele Amor que recebemos. É, portanto, a Eucaristia que nos torna testemunhas daquilo que contemplamos com os olhos e tocamos com as mãos. Torna-nos testemunhas capazes de rezar, doando-nos, justamente porque nos tornamos uma só coisa com Jesus, capazes de falar ao Pai com a mesma intimidade e confiança de Seu Filho. Tornanos testemunhas capazes de construir e reconstruir a fraternidade, doando-nos, precisamente porque nos tornamos uma só coisa com a Igreja, capazes de construir e reconstruir relações nas quais nos acolher e acompanhar como irmãos. Torna-nos testemunhas capazes de viver o serviço, doando-nos, precisamente porque nos tornamos uma só coisa com o coração do Filho voltado para os distantes, de arregaçar as mangas e sujar as mãos, muitas vezes com pequenos gestos e não com grandes discursos, para encher a nossa vida cotidiana, em casa e no trabalho, do doce e delicado perfume de Cristo.

Precisamente por isso Dom Bosco colocou a Eucaristia, o Amor de Deus que se faz presente no coração do meu presente, como uma das colunas fundamentais e elementos indispensáveis do Sistema Preventivo. Para Dom Bosco é uma convicção profunda, vivida em primeira mão. É na Eucaristia que os órfãos de Valdocco, os jovens abandonados e inseguros de ontem e de hoje, puderam, podem e poderão experimentar o Amor infinito de um Deus que, mesmo quando não temos mais nada e não somos de ninguém, ama como um Pai, porque é um Pai que tudo dá por nós, até o fim, até o último suspiro de sua vida. É esta profunda convicção que emerge com força no sonho das duas colunas que sintetiza as pedras angulares da espiritualidade salesiana. A Eucaristia é uma presença que surge, como dom gratuito de Deus, bem no coração deste presente de tormentas e tempestuoso, não em outro lugar. Deus se faz presente hoje, aqui e agora, não em outro lugar, permitindo-nos ancorar o nosso barco na coluna do Seu Amor dado por nós na cruz e que nos é devolvido todos os dias na Eucaristia, único porto seguro do nosso presente. É uma coluna à qual muitos pequenos barcos solitários não aportam nem ancoram, guiados por timoneiros isolados, mas o grande barco da Igreja, guiado pelo sucessor de Pedro, encontra o seu desembarque na Eucaristia. Enfim, não é um navio de luxo, reservado a poucos privilegiados, aquele que encontra na Eucaristia um porto seguro! Ao contrário, como em diversas ocasiões emergem tantos outros sonhos de Dom Bosco, é uma jangada, um bote salva-vidas, como aqueles que tantas vezes ainda hoje sulcam nossos mares e pedem acolhimento em nossas costas e em nossas cidades, em busca de esperança e salvação. Na coluna da Eucaristia não atracam navios de luxo, mas apenas jangadas que, talvez correndo o risco de naufragar devido às fortes tempestades, são até o fim, sem descontos e sem compromisso, lugares abertos e acolhedores, estendendo-se, num cuidado para que não pare, para não permitir que os que estão a bordo, devido às infinitas circunstâncias da vida, corram o risco de afundar e se afogar.

Escreve Dom Bosco:

*"No meio da imensa extensão do mar, duas fortes e altas colunas se erguem das ondas, não muito longe uma da outra. Acima de uma delas está a imagem da Virgem Imaculada, em cujos pés está pendurada uma grande placa com esta inscrição: - “AUXILIUM CHRISTIANORUM”; -na outra coluna, Caminho formativo que é muito mais alta e mais espessa, existe uma Hóstia de tamanho proporcional à coluna e abaixo outro letreiro com as palavras: “SALUS CREDENTIUM”. (MB VII)*

**Para a oração pessoal e meditação**

1. No meu dia a dia, amo o presente que tenho ou escolho e quero um diferente?
2. Procuro progredir e melhorar apenas com os meus esforços ou confio cada dia ao Senhor deixando que Ele me acompanhe nas minhas escolhas, nas minhas ações, nas dificuldades e nas alegrias?
3. Vivo a Eucaristia como um dom infinito de amor e estremeço o meu coração quando recebo Jesus?
4. A Eucaristia torna-me testemunha de comunhão e capaz de impregnar a minha vida cotidiana “com o doce e delicado perfume de Cristo”?

**Compromisso mensal**

Todas as manhãs, ao me levantar, farei o sinal da cruz como primeiro gesto, pedindo ajuda a Jesus para viver aquele dia bem e na sua companhia. Durante a semana, recebendo a Eucaristia, pedirei ao Senhor que sacuda o meu coração para notar a Sua visita.

# 5. MARIA, ESPOSA DO ESPÍRITO SANTO, ENSINA-NOS A FAZER TUDO POR AMOR

Desde a criação do mundo e ao longo da história da salvação, Deus comunicou o seu amor à humanidade através da ação do seu Espírito e da participação redentora do seu Filho. A graça salvadora que nos foi concedida tem em Maria um digno representante; com a generosidade de seu FIAT, Maria, representando toda a humanidade, acolheu em seu coração o projeto de Deus e, pela ação do Espírito, concebeu em seu seio o Salvador. Meditando o texto da Anunciação, encontramo-nos diante do mistério da aliança de Deus com a humanidade; Ele não realiza suas obras arbitrariamente, não entra repentinamente na história para realizar os seus planos. Ele é um Deus que respeita a nossa liberdade; o seu estilo não é de imposição, mas de amor que move e conquista a vontade humana.

O **“fiat”** de Maria permanece, portanto, pleno e incondicional. A comparação deste “fiat” pronunciado por Maria com o “fiat” que ressoa em outros momentos cruciais da história da salvação é espontânea: com o “fiat” de Deus no início da Criação e com o “fiat” de Jesus na Redenção. Todos os três expressam um ato de vontade, uma decisão (Cantalamessa, 1990, p.11).

O Sim de Maria é a continuidade e a renovação da Aliança. Antes que o milagre da encarnação ocorra biologicamente em seu corpo, Maria livremente abraça e adere à vontade divina. Assim, com a sua obediência na fé, entra na aliança de amor de Deus com a humanidade. “**O «sim» de Maria não é apenas um ato humano, mas também divino, porque foi suscitado pelo próprio Espírito Santo no mais profundo da alma de Maria**” (ibidem), dizemos que Ela é a Esposa do Espírito Santo porque deixa-se conquistar pelo amor de Deus e, nesta lógica de doação gratuita, aceita plenamente a Sua vontade.

Contemplando o exemplo de Maria, aprendemos o estilo da ensinabilidade cristã. Quem aceita fazer parte da aliança com Deus entra numa dinâmica de fé que não exclui o uso da razão humana. Maria pergunta ao anjo como se realizará o plano de Deus; ela está ciente de que, de acordo com o que lhe é anunciado, algo lhe acontecerá que não é humanamente possível. Maria é uma mulher concreta e realista, a sua atitude não é a de quem se questiona de forma incrédula e inconformista, mas questiona-se e raciocina para entrar melhor no projeto de Deus; porém, diante do mistério divino que talvez não compreenda plenamente, reconhece que o Senhor, a quem ofereceu a sua vida, lhe pede uma confiança profunda e uma fé arraigada no amor.

**Movida pelo amor**

A ação do Espírito encheu o coração de Maria, revestiu-a da sua graça, fazendo dela a morada do Salvador. Na comunhão de amor que a une à Trindade, Maria é impelida a sair ao encontro do próximo. A visita a Isabel, ícone do serviço e da caridade, é interpretada como expressão e continuidade do sim generoso de Maria. O Amor que habita no seio de Maria não é uma experiência íntima, é uma graça que é dada e comunicada em uma profunda alegria.

Quando Maria fica sabendo que sua prima Isabel espera um filho, apesar de sua idade avançada, ela interpreta os fatos com fé: nada é verdadeiramente impossível para Deus; embora o poder de Deus seja grande, Ele conta com a nossa adesão ao seu plano. Maria percebe que também Isabel, como ela, deu uma resposta generosa que provavelmente envolve algum sacrifício. Então Ela levantou-se e partiu apressadamente para encontrar a sua parenta.

As referências evangélicas são conhecidas: a relação íntima (não só porque no texto de Lucas vem imediatamente a seguir) entre a experiência da Anunciação e a viagem que Maria empreende “apressadamente” para visitar e servir a sua parenta Isabel. Mais ainda: o “sinal” que o anjo Gabriel dá à Virgem não é tanto uma confirmação teórica convincente, capaz de temperar a sua confiança em Deus, mas antes um convite à missão, a “pôr-se a caminho”, a levar para Isabel e a família (inclusive para o nascituro João Batista) Aquele que traz a alegria, Jesus (Chávez, 2012).

Maria coloca-se em um único movimento de amor: para com Deus e para com o próximo. Ela reconhece que, como ela, o Senhor pede a cada um que dê a própria contribuição à história da salvação. A caridade da Mãe de Deus é arraigada na fé e se projeta em gestos concretos de esperança.

Há um detalhe marcante no texto da visita: “*Maria partiu apressadamente*”. Esta expressão faz-nos pensar na força e na intensidade do amor que existe no coração de Maria que, além de mexer com ela interiormente, leva-a ao encontro do próximo. A sua disponibilidade é a de uma mulher que ama, a sua presteza em fazer o que o Senhor lhe pede pode ser entendida nesta perspectiva: ama porque crê e, ela crê porque ama.

A certeza do amor de Deus exprime-se no jubiloso anúncio do Magnificat. A ação de graças que ela proclama com os lábios está em harmonia com a generosidade de seu Fiat diário. Maria louva a Deus porque olhou para a humildade de sua serva, porque viu Nela um solo dócil e fecundo para operar a salvação.

**Fazei tudo por amor, nada por força**

Contemplamos o exemplo de Maria que, deixandose abraçar pela graça e pelo amor de Deus, viveu a sua vida na alegre adesão à vontade divina.

Tal convicção do Amor que toca e transforma a vida foi bem expressa nas palavras e no testemunho de S. Francisco de Sales. Ao celebrarmos o 400º aniversário da sua passagem para o céu, recorramos à sabedoria da sua mensagem para enriquecer a nossa reflexão. Com a mesma certeza de que Deus continua e atualiza sua aliança com a humanidade, Francisco de Sales indica um ponto de partida.

“*Para dar o primeiro passo no amor de Deus, é necessário que Ele, manifestando-se ao homem como Deus-Amor, o atraia, solicite a sua liberdade. Mas é preciso esclarecer que o papel de Deus vai ainda mais além. Ele não se contenta em convidar o nosso coração a escolher, mas também o ajuda nesta escolha, trazendo a sua ajuda. A escolha do amor pelo homem é um ato do coração humano e do coração de Deus*”. (San Francisco de Sales)

À medida que somos atraídos pelo amor de Deus, cresce em nós o desejo de descobrir o que Ele nos pede e de assumir um estilo de vida cada vez mais evangélico. Cada um, sentindo-se pessoalmente amado, faz a sua livre escolha do amor no estilo próprio da vocação a que foi chamado. Precisamente porque a fidelidade se tece pacientemente na vida de todos os dias e porque nem sempre é fácil viver em verdadeira harmonia com a vontade de Deus, a resposta que damos a Deus deve ser construída sobre o fundamento da fé e numa constante renovação do amor.

Francisco de Sales recorda-nos que o espírito de liberdade, próprio de quem ama e pôs a sua confiança em Deus, é o critério que inspira a nossa obediência e nos torna verdadeiramente dóceis para uma missão: “*Devemos fazer tudo com amor e nada por força. É melhor amar a obediência do que temer a desobediência. Deixo-vos com o espírito de liberdade, aquele que exclui a coerção, o escrúpulo e a agitação*”.

A experiência de se sentir pessoalmente amado por Deus e a atenção constante ao que Ele nos pede introduz-nos na dinâmica da doação e da caridade. É a partir daí que começa a tarefa de realização humana, uma realidade na qual se realiza um autêntico caminho espiritual. O amor “*é o movimento, a marcha e a direção do coração para o bem*” (F. de Sales); se Deus nos ama, é na prática concreta do bem, no exercício constante da caridade para com o próximo que podemos expressar melhor o nosso amor por Ele. Seremos capazes de servir, educar e viver a nossa missão no mundo se nos abrirmos à Sua vontade com docilidade, inspirados pelo modo como o próprio Deus nos ama.

Seguindo o exemplo de Maria e bebendo das fontes da nossa espiritualidade salesiana, somos convidados a reler a nossa vida e a refletir sobre a resposta de amor que tentamos dar ao Senhor todos os dias. O nosso FIAT cotidiano é uma escolha livre, fruto de uma experiência de amor que supera a nossa vontade e se torna sinal visível para um mundo que procura a luz do Senhor.

**Para oração pessoal e meditação**

1. Sinto-me pessoalmente amado pelo amor de DEUS?
2. Realizo gestos concretos de caridade a exemplo de Maria?
3. Abro-me com docilidade à vontade de Deus, seguindo o exemplo de como Ele me ama?
4. A minha resposta diária ao Senhor é fruto de me sentir profundamente amado por Ele?

**Compromisso mensal**

Buscarei todas as noites agradecer por uma pequena ou grande coisa boa que acontecer no dia.

# 6. O PRIMADO DA GRAÇA: A ALEGRIA, DOM DO ESPÍRITO SANTO (AS VIRTUDES TEOLOGAIS)

*“Devemos aprender a permanecer na nossa fraqueza, mas armados de uma fé profunda, aceitar ser expostos à nossa fraqueza e ao mesmo tempo abandonados à misericórdia de Deus. Só na nossa fraqueza somos vulneráveis ao amor de Deus e ao seu poder” (A. Louf*)

*“Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa vida, aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória. Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno: a devassidão, a impureza, as paixões, os maus desejos, a cobiça, que é uma idolatria. Não vos enganeis uns aos outros. Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios, e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem daquele que o criou, até atingir o perfeito conhecimento. Aí não haverá mais grego nem judeu, nem bárbaro nem cita, nem escravo nem livre, mas somente Cristo, que será tudo em todos.”* (Col. 3, 1-5.9-11)Immagine che contiene persona

Descrizione generata automaticamente

*“Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegraivos! Seja conhecida de todos os homens a vossa bondade. O Senhor está próximo. Não vos inquieteis - 3 - Caminho formativo com nada! Em todas as circunstâncias apresentai a Deus as vossas preocupações, mediante a oração, as súplicas e a ação de graças. E a paz de Deus, que excede toda a inteligência, haverá de guardar vossos corações e vossos pensamentos, em Cristo Jesus.”* (Fil 4, 4-7)

1. **Vivir em Cristo**

*“Se, portanto, ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra”.*

Assim o Apóstolo se introduz na carta aos Colossenses recordando-nos a nossa vocação radical que nos foi dada com o batismo, ou seja, a de sermos “*sepultados com Cristo, com ele também ressuscitados (…) Vós vos despistes do homem velho com os seus vícios, e vos revestistes do novo, que se vai restaurando constantemente à imagem daquele que o criou*”.

Somos chamados a redescobrir a força do batismo que se expressa no primado da Graça: a Santíssima Trindade tomou posse da nossa existência e habita em nós. O próprio apóstolo o expressa muito bem em I Cor 6, 19-20: “*Ou não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós, o qual recebestes de Deus e que, por isso mesmo, já não vos pertenceis? Porque fostes comprados por um grande preço. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo.*”

A vida espiritual é Cristo que vive em nós através do Espírito Santo. Que Cristo viva em nós através do Seu Espírito não é um piedoso afeto, mas a única possibilidade que temos de ser felizes. Compreende-se então, que não basta viver “para Cristo”, mas precisamos passar a viver “com” Cristo para chegar a viver “em” Cristo. Para que isso se realize, é fundamental recuar. Jesus afirma que é necessário perder a própria vida por Ele e pelo evangelho (cf. Mc 8, 34ss). Mas como? E recuar de quê? Uma passagem da primeira Carta aos Coríntios esclarece: “*É por sua graça que estais em Jesus Cristo, que, da parte de Deus, se tornou para nós sabedoria, justiça, santificação e redenção, para que, como está escrito: quem se gloria, glorie-se no Senhor*” (I Cor 1,30-31). Sabedoria, justiça, santificação, redenção. Precisamos recuar nestes pontos. Quando desisto de ser para mim mesmo a minha sabedoria, a minha justiça, a minha santificação, a minha redenção, então Cristo passa de estar “comigo” a viver “em mim”.

Quando o homem compreende que Cristo é toda a sua riqueza, não precisa brincar de deus ou se disfarçar de cortesão. Ou estou em Cristo ou sou um dos muitos mortais convidados – sem querer - para o carnaval de um mundo que passa. Tão bonito quanto você quiser, mas ainda limitado. Se escolhemos segui-lo, mas não deixamos que o Espírito nos santifique, ficamos no meio do vau, perdidos entre uma fé monótona e um mundo observado de longe com nostalgia. Absurdamente, seria melhor não termos conhecido a Cristo.

A alegria reside no calor de sua presença “em” nós, não apenas para ou com. Assim escreveu Isaque de Nínive: “*Sabe isto, meu amado: onde quer que haja a alegria de Deus, ela vem do fervor, e, em toda parte, a causa da alegria é o fervor; porque onde não há fervor não há nem mesmo alegria*”.

1. **Uma vida de fé, esperança e caridade**

O homem espiritual, isto é, aquele que vive no primado da graça, que deixa Cristo habitar nele, tem o coração puro e por isso vê Deus, torna-se participante da sua sabedoria e capaz de interpretar, com uma intuição sobrenatural, as situações mais difíceis, indicando o caminho certo. Podemos pensar, por exemplo, na Beata Eusébia Palomino, uma freira muito simples que trabalhava na cozinha, a quem iam padres, seminaristas, moças para pedir conselhos sobre o caminho da fé. A profundidade da sua união com Deus era o segredo de uma sabedoria que só se aprende extraindo-a da fonte da intimidade amorosa com o Senhor.

Assim, quando São Paulo diz “Pregamos a sabedoria de Deus” (1 Cor 2,7), ele faz uma afirmação muito forte.

A **Fé** e a experiência espiritual tornam-se o princípio de um novo saber, que amplia os horizontes da razão e os abre a participar à mesa do Crucificado Ressuscitado. Ter o pensamento de Cristo não significa apenas ter novas “ideias”, mas um modo de pensar que está ligado a um modo de agir, de sentir, de ser. Para perceber isso, basta pensar na dura repreensão que Jesus dirigiu a Pedro em Mc 8,33: “Afasta-te de mim, Satanás, porque teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens”. Pedro, também depois de ter confessado a sua fé messiânica em Cristo, mostra que ainda não tem o pensamento de Cristo, mas raciocina segundo uma lógica que constitui um obstáculo à estrada de Jesus.

Ao contrário, a virtude da Fé me leva a ter o “pensamento de Cristo” e então sei (e experimento) que Deus me ama e que Cristo morreu por mim, por amor.

Papa Francisco nos oferece um enfoque extraordinário sobre esta questão em sua primeira encíclica, Lumen Fidei, cujo primeiro rascunho leva a assinatura de Bento XVI. Em particular, no número 18 deste texto é possível ler as seguintes expressões esclarecedoras:

Na fé, Cristo não é apenas Aquele em quem acreditamos, a maior manifestação do amor de Deus, mas é também Aquele a quem nos unimos para poder acreditar. A fé não só olha para Jesus, mas olha também a partir da perspectiva de Jesus e com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver. Em muitos âmbitos da vida, fiamo-nos de outras pessoas que conhecem as coisas melhor do que nós: temos confiança no arquiteto que constrói a nossa casa, no farmacêutico que nos fornece o remédio para a cura, no advogado que nos defende no tribunal. Precisamos também de alguém que seja fiável e perito nas coisas de Deus: Jesus, seu Filho, apresenta-Se como Aquele que nos explica Deus (cf. Jo 1, 18). A vida de Cristo, a sua maneira de conhecer o Pai, de viver totalmente em relação com Ele abre um espaço novo à experiência humana, e nós podemos entrar nele

A **Esperança**, portanto, é acreditar que no fundo de tudo o que existe se esconde um bem e a própria esperança está indissociavelmente ligada à fé, como afirma a carta aos Hebreus “A fé é o fundamento da esperança, é uma certeza a respeito do que não se vê” (Heb 11,1). A esperança cristã pode resumir-se bem nesta afirmação: “No fim, o princípio”. A esperança funda-se precisamente no fim de Cristo, na sua morte, que foi o seu verdadeiro início na ressurreição. Isso nos alivia daquilo que sempre experimentamos como “o fim”. O Deus da esperança sempre cria um novo início na vida, enquanto na morte ele nos desperta para uma nova vida em seu mundo vindouro. A esperança é a “fé lançada adiante”. Um grande literato e convertido francês, Charles Péguy, em seu livro “O Pórtico do Mistério da Segunda Virtude”, imagina a esperança como uma garotinha que dá a mão para as suas duas irmãs mais velhas, a fé e a caridade, e

a **pequena esperança**. Avança. E junto com as suas irmãs mais velhas, ela parece se deixar puxar. Como uma garotinha que não tem forças para caminhar. E que seguia aquele caminho apesar disso. E na verdade é ela quem faz as outras andarem. E que as puxa. E isso faz com que todas caminhem. E as puxa. Porque nunca se trabalha, exceto pelas crianças. E as duas mais velhas só andam por causa da pequena (…) A esperança não existe por si própria. A esperança não caminha sozinha. Para esperar, minha filha, é precisoque a gente se sinta muito feliz, é preciso que a gente tenha recebido uma grande graça.

Mais uma vez constatamos como a íntima ligação entre as virtudes teologais é a alegria! Para que essa esperança seja possível, é preciso estar muito feliz e fazer a experiência de se sentir amados. A vida da graça, no fundo, é simplesmente isto: deixarse amar e amar.

Immagine che contiene gonna

Descrizione generata automaticamente

No **amor**, no ágape, se resumem todas as virtudes, como afirma esplendidamente o hino à caridade de São Paulo “Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade – as três. Porém, a maior delas é a caridade.” (I Cor 13,13). Você sabe por quê? Porque a única coisa que Deus Pai e o Filho desejam para nós é que chegue até nós o Seu amor, ou seja, o Espírito Santo, a sua graça! Caso contrário, tudo é vazio, tudo é estéril, tudo é cinza, não nos traz plenitude, nem felicidade.

Quando for necessário se renovar pessoalmente e como comunidade, o ponto de partida deverá ser sempre este: as nossas famílias, as nossas comunidades, as nossas relações, a minha própria vida ou é fundada no amor ou não é. O ponto de partida é deixar Deus fazer isso, por isso nos criou, por isso nos redimiu em seu Filho, por isso permanece conosco, na Igreja com seu Espírito.

No seu amor estão escondidas três coisas que todos desejamos: pertença, significado e destino.

**Pertença**: só o amor nos faz responder à pergunta fundamental que atravessa a nossa vida: por quem eu existo? Só se pode saborear a vida quando se sente de alguém.

**Significado**: só o amor preenche de sentido a nossa vida. A maior parte das patologias espirituais e psicológicas que muitas pessoas têm, principalmente os jovens, são devidas ao fato de não se sentirem amados.

**Destino**: é a terceira característica. O amor nos dá um destino. Qual é o destino para cada um de nós? Voltar para casa, para Ele. Saber-se amado é saber que há um lar para onde estamos indo. Ter um motivo para acordar. Sentir que tudo o que se faz tem uma direção.

O amor atrai-nos, e este é o primado da graça, mas exige também o compromisso da nossa liberdade, que escolhe crescer naquelas virtudes sem as quais o amor não encontraria a possibilidade de se realizar concretamente e permaneceria ao nível de sentimento ou, pior, de emoção.

1. **Que tem a alegria como fruto**

O fruto de uma vida vivida na fé, na esperança e na caridade é a alegria, que assim se torna a marca inerente ao cristão. O Papa Francisco exprime-o bem no início do seu texto programático *Evangelii Gaudium*:

“A Alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria (…)

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes. Muitos caem nele, transformando-se em pessoas ressentidas, queixosas, sem vida. Esta não é a escolha duma vida digna e plena, este não é o desígnio que Deus tem para nós, esta não é a vida no Espírito que jorra do coração de Cristo ressuscitado.

Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído.» ” (n.1-3)

A ligação entre uma vida informada pelas virtudes teologais e a alegria se expressa muito bem na Divina Comédia, quando Dante se encontra perto do cume do Paraíso (canto XXIV). No final de sua extraordinária viagem, é questionado por três apóstolos sobre as três virtudes teologais. São Pedro examina a fé e, depois de lhe perguntar o que é a fé e se ele é dotado dela, pergunta a Dante de onde a recebeu. O príncipe dos apóstolos formula a pergunta desta maneira: “Esta querida alegria / sobre a qual se funda toda a virtude, / de onde veio a ti?” É claro que a “querida alegria” da qual se fala é a pérola preciosa – alegria/joia – da qual fala o Evangelho, é a joia pela qual vale a pena sacrificar todo o resto. Outra passagem da Comédia não pode deixar de vir à mente. Logo no início do caminho, no primeiro canto do inferno, Dante está perdido na floresta escura, vê uma pessoa e lhe pede ajuda. É Virgílio, que lhe pergunta por que razão não decide escalar “a amada montanha / que é o princípio e a causa de toda a alegria”. Não pode porque há três bestas que impedem a passagem e, portanto, o poeta florentino terá que ser acompanhado para “outra viagem”. Aquela, precisamente, que o levará diante de São Pedro. Uma viagem que tem como meta a alegria ou, melhor, a felicidade, na qual pode entrar só quem encontrou a pérola/alegria da fé.

A fé é verdadeiramente a “querida alegria”, uma felicidade que nos é cara, “sobre a qual se fundamentam todas as outras virtudes”. Porque se a fé não fosse verdadeira não poderíamos ter plenamente a esperança, visto que o mundo estaria destinado à morte, mas nem sequer teríamos amor pleno, capaz daquele perdão total que só Cristo deu na sua cruz. Todas as outras virtudes se baseiam na alegria da fé, todo desejo de crescer em nossa humanidade e todo caminho de vida. Mas hoje mais do que nunca é fundamental, como cristãos e como cristãos que vivem o espírito de Dom Bosco, que o fruto mais belo da nossa vida de graça seja a alegria de dar alegria! Este é o caminho para a felicidade cristã. Hoje é mais necessário evidenciar esta verdade com a nossa vida: só pode ser feliz quem se empenha em fazer os outros felizes. Só pode saborear a alegria quem se empenha em criar as condições para que os outros vivam com alegria. Só quem se esforça para que o contentamento circule na existência dos outros poderá ter uma autêntica experiência de contentamento.

Podemos terminar a nossa reflexão com uma nota de realismo oferecida por São Francisco de Sales: “*Vá em frente com alegria e com o coração aberto o mais que puder; e se você nem sempre for com alegria, vá sempre com coragem e confiança”.*

**Perguntas para a reflexão pessoal**

1. O que realmente significa em sua vida viver de fé, esperança e caridade?
2. O que mais lhe ajudou na sua vida a crescer nestas virtudes, que são sobretudo um dom do céu, mas que requerem a contribuição da sua liberdade?
3. O que, neste período da sua vida, é um freio em você na fé, na esperança e na caridade?
4. Você experimenta uma alegria profunda ou vive na onda das suas emoções?

**Compromisso mensal**

Todas as noites, na oração, vamos agradecer por uma coisa bonita recebida, educando-nos a sorrir mesmo nas dificuldades.

# 7. A GRAÇA PRESSUPÕE A NATUREZA: O EXERCÍCIO DAS VIRTUDES

Ao lado da luta contra as tentações mais comuns, somos chamados a facilitar a ação do Espírito Santo através das virtudes. Em particular, nos ajudarão a Humildade e a Mansidão, traços do caráter de Jesus: “Aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração” (Mt 11, 25-30).

Como diz São Francisco de Sales “Suportem com doçura as pequenas injustiças, os pequenos incômodos, as perdas de pouca importância que acontecem todos os dias. Essas pequenas ocasiões vividas com amor vão conquistar o coração de Deus e torná-lo todo seu”.

Compreenderemos melhor como o desenvolvimento das virtudes pode nos ajudar a crescer na paz e no amor: paciência, mansidão, humildade, pobreza de espírito (também em meio às riquezas) evitando as calúnias e julgamentos. Procuremos não apenas querer o bem dos outros, mas fazê-los se sentir amados, alcançando a grande riqueza da espiritualidade salesiana e de Dom Bosco: amorevolezza, trabalho incansável e temperança e otimismo salesiano.

Recordemos as três palavras do Papa Francisco: com licença, desculpe, obrigado.

**1. O que é humildade?**

O termo grego para exprimir humildade, utilizado no Magnificat (“olhou a humildade de sua serva” Lc. 1, 48) e na Carta de São Paulo aos Filipenses (“humilhou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até a morte” (Fil. 2, 8) é o substantivo tapeinòs e/o verbo tapeinòo.

Quando na infância líamos gibis, nas histórias do Tio Patinhas havia episódios sobre a perda de sua enorme fortuna; cada vez que acontecia isto, o comentário de Tio Patinhas era “me tapino” (coitadinho de mim!!). De onde vem e qual é o significado da expressão? No estudo da língua grega, o termo tapeinòs tem cinco significados, dependendo do contexto: 1. em relação a lugares, lugar baixo, fundo; em relação à estatura, baixa estatura, pequeno; 2. em relação a pessoas, pessoa humilde, humilhada, submissa, e ainda de poucas condições, humilde, mesquinha, pequena, pobre, fraca; 3. espiritualmente: deprimido, abatido; 4. moralmente: mesquinho, vil, modesto, humilde; 5. das coisas: modesto, sencillo, pobre.

A referência semântica para ambos, tanto para o Magnificat quanto para a Carta aos Filipenses é ada pessoa. No caso de Maria, humilde, poucos recursos, pobre e fraca, no caso de Jesus, humilhado e submisso. Ambos os contextos nos ajudam, em profundidade, a entender o significado de ser humilde. Um ajuda a explicar o outro. Para ser humilde como Maria e, então, encontrar a complacência de Deus é preciso ser humilhado e submisso como foi Jesus no momento de sua morte de cruz, a sua mais extrema humilhação. Em suma, não se pode ser humilde sem humilhação, parece que estas duas realidades são diretamente proporcionais. Se um é fraco e pobre de verdade ou se sente como tal, está na verdade, no momento em que pode ser exaltado: “quem se exaltar será humilhado (tapeinòo) e quem se humilhar (tapeinòo) será exaltado” Lc. 14, 11. É verdadeiramente o louvor da fragilidade, uma situação em que Deus pode entrar, armar a sua tenda, construir a sua casa e habitá-la.

Immagine che contiene altare, parecchi, tessuto

Descrizione generata automaticamente

**2. Qual é o significado da passagem de: “aprende de mim que sou manso e humilde de coração”? (Mt. 11: 25-30)?**

A passagem é colocada no final do capítulo 11 e é precedida por João Batista enviando dois discípulos a Jesus para perguntar se Ele era realmente o Messias. João, que era primo de Jesus, escolhido para ser seu mensageiro, o tinha reconhecido desde quando estava no ventre de sua mãe Isabel, exultando de alegria com a visita de Jesus no ventre de Maria, agora se pergunta se é “Aquele que deve vir, ou devemos esperar outro?”.

Jesus responde com as características do Messias citadas pelo profeta Isaías: os cegos recuperam a vista, os aleijados andam, a boa nova é anunciada aos pobres... A esta pergunta Jesus acrescenta um elogio ao seu primo e uma confirmação de sua missão de precursor. É muito forte o contraste entre o anúncio exigente do Batista sobre a conversão e a falta de acolhida da sua mensagem e daquilo que o próprio Jesus está anunciando. Verdadeiramente, as cidades no lago da Galiléia, nas quais muitos milagres ocorreram, não acreditaram no poder de Cristo.

Imediatamente depois, a passagem é seguida pela discussão com os fariseus a respeito do sábado e do templo. Jesus, também Senhor do sábado, reitera “quero misericórdia e não sacrifício.”

O texto em questão está localizado entre essas duas passagens. Reconhecer Jesus como o Messias, compreender sua relação filial com o Pai, conhecê-lo em profundidade até fazer uma experiência Dele: não é fruto de esforço humano, não está ligado ao conhecimento e à observância da lei, não pode ser alcançado graças a uma ascese exigente, vai além da dureza de coração de não aceitar os seus milagres. É um dom gratuito do Pai (ele colocou Nele a Sua complacência) tanto que Jesus lhe agradece com uma confissão pública em forma de oração para que todos possam ouvi-lo: “Eu te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque tu o ocultaste aos sábios e inteligentes e o revelaste aos pequeninos”. Só os pequeninos, os pobres, os humildes podem ter acesso ao conhecimento de Deus. Quem é grande, rico e soberbo, quem é cheio de si, quem conta só com as suas próprias forças, quem é autossuficiente, jamais poderá conhecer a amplitude, a grandeza e a profundidade do amor de Deus. E aqui está a investida de Jesus: “Todas as coisas me foram dadas por meu Pai; ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelá-lo”. A relação Pai Filho é uma relação abrangente: tudo é dado pelo Pai e o Filho. E o conhecimento que Jesus tem do Pai é único: Ele, o Unigênito do Pai, gerado não criado, consubstancial ao Pai, no seio do Pai desde toda a eternidade e para sempre é Aquele que se encarna, se faz homem, rebaixa-se até à morte de cruz, revela o rosto do Pai porque é um com Ele. Não se pode aceitar o Pai senão passando pela pessoa divina do Verbo Encarnado.

E aqui fica o convite a todos os homens em sua fragilidade existencial: “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei.”

O sobrecarregar-se e o cansaço são duas situações de vida frequentemente presentes nos seres humanos, não dizem respeito apenas à dimensão física, mas muito mais à dimensão moral, existencial, espiritual. Não podemos deixar de pensar na angústia do tempo da pandemia, no absurdo das guerras, nas incertezas econômicas, na dificuldade de crescer, de assumir novas responsabilidades, dificuldade das doenças e da velhice. Nestes dois termos cansados e sobrecarregados existem homens e mulheres de todo lugar e de todos os tempos. Diante da dura realidade, da história adversa, há o veemente anúncio de alívio de Jesus. Perguntamo-nos: mas quem virá em nosso socorro? Quem nos libertará? Jesus responde com ternura: Eu lhe darei descanso. Eu saciarei sua sede, darei a você aquela água viva que sacia sua sede de vida eterna. Lavarei seus pés e virei servi-lo. Você não percebe? Algo novo nasce agora.

Tomai meu jugo sobre vós. Jesus dá-nos um fardo, é o seu fardo, torna-se um fardo para nós. A canga é um utensílio de madeira utilizado para conduzir os animais aos pares e auxiliar na condução da carroça. O jugo é sempre dois: um é Jesus e o outro somos nós. Você nunca está sozinho(a). A imagem de estar em parceria com Jesus é linda, os fardos são compartilhados. É por isso que no final ele diz que seu jugo é suave (Ele está emparelhado comigo) e seu peso é leve (porque a parte mais pesada é Ele quem leva, ele assumiu a cruz por nós). Somos chamados a ser cirineus com ele, cirineus da sua cruz, mas também da sua alegria.

O versículo 29 inclui uma orientação didática: “Aprendam de mim, pois sou manso e humilde (tapeinós) de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas”. O mestre e Senhor pode ser reconhecido se nos coloca em sua escola de mansidão e humildade, se formos dóceis e mansos como o Cordeiro Imolado, e, condenados, humilhados, maltratados, difamados como o Crucificado. O preço da humildade é a humilhação, o fruto é a salvação e a alegria.

**3. O que diz São Francisco de Sales sobre a humildade e mansidão?**

A verdadeira humildade é generosa. De fato, quanto mais a humildade nos torna humildes pelo conhecimento do nada que somos por nós mesmos, tanto mais nos faz estimar os bens que Deus colocou em nós, especialmente a fé, a esperança, o amor e aquela certa capacidade que Ele nos deu de nos unirmos a Ele por meio da graça. Esta apreciação que a humildade faz dos dons de Deus é o fundamento da generosidade do espírito. A humildade nos convence de que nada podemos sozinhos, porque nos faz reconhecer a nossa miséria e o nosso limite. A generosidade, por sua vez, nos faz dizer com São Paulo: “Tudo posso Naquele que me fortalece”. A humildade nos faz desconfiar de nós mesmos, a generosidade nos faz confiar em Deus; estas duas virtudes estão tão unidas uma à outra que uma não pode existir sem a outra, nem podem, jamais, ser separadas. A humildade é grata: não é humildade verdadeira a que nos impede de ver o que Deus colocou de bom em nós. De fato, os dons de Deus devem ser reconhecidos e estimados.

 Conhecer a si mesmo quer dizer, sim, reconhecer a própria pequenez, mas também a grande dignidade que Deus colocou em nós ao nos criar à sua imagem e semelhança, capazes de nos unirmos a Ele e dotados de um certo instinto que nos faz lutar e aspirar por esta união. A verdadeira humildade é plena de amor e está a serviço do amor, tanto que se pode dizer que a caridade é uma humildade que sobe e a humildade é uma caridade que desce. A humildade esconde e cobre as virtudes para as conservar, as mostra quando o amor o exige. Assim, não ostenta os seus próprios dons, mas quando a caridade pede, sabe dar ao próximo com franqueza e doçura não só o que lhe é útil, mas também o que lhe agrada. Portanto, todas as formas de humildade que prejudicam a caridade, com certeza são falsas. Além disso, a verdadeira humildade é doce, forte, serena e maleável: caminhando com simplicidade por este caminho nos tornaremos agradáveis a Deus porque Ele se alegra com corações humildes.

Por isso exorto-vos a ser alegremente humildes diante de Deus, mas também diante do mundo. Não busque uma humildade visível, mas nem mesmo a evite quando a oportunidade se apresentar, sobretudo abrace-a sempre com alegria. Mas tome cuidado para que a sua humildade exterior seja sempre uma verdadeira expressão do seu coração.

Valorize com amor a sua pequenez, porque Deus olha para ela com complacência e quando encontra esta humildade em seu coração, Ele o cumula de graças. Amai a vossa pobreza, desfrutai do vazio para que o Senhor vos cumule com o seu Reino. Alimenta, pois, a tua alma com um espírito de confiança humilde e cordial em Deus e, à medida que te descobrires frágil e miserável, aprende a esperar com mais coragem n’Ele. Assim praticarás uma grande humildade, generosa e tranquila. No serviço de Deus, ela vos conservará numa liberdade filial e amorosa sem amargurar o vosso coração e conservará em vós um espírito de santa alegria. (Cf. Entretenimentos espirituais, V, 2-4; VIII, 14; III, 20. Introdução à vida devota (Filoteia III, 5. Cartas de 1- 11-1604; 1607; 8-1608).

“Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração”, assim diz o Senhor Jesus recomendandonos estas duas virtudes que resplandecem particularmente na sua pessoa. Assim nos mostra que só com mansidão e humildade o nosso coração pode imitá-lo e dedicar-se ao seu serviço. Pois o santo amor nunca está separado dessas duas virtudes, assim como elas nunca existem sem o santo amor.

Tenha sempre em mente que esta vida terrena é um caminho para aquela vida abençoada, então, não vamos ficar com raiva uns dos outros ao longo do caminho, ao invés disso, vamos caminhar tranquilamente e em paz com os nossos irmãos e companheiros de viagem. Se possível, não se preocupe e nunca, por nenhum motivo, abra seu coração para a raiva, porque a raiva do homem não cumpre a justiça de Deus.

Melhor aprender a viver sem raiva do que querer servir-se dela com moderação e equilíbrio. E quando, por causa de nossa fraqueza, a raiva nos pegar de surpresa, é melhor rejeitá-la imediatamente do que querer entrar em negociações com ela, porque por pouco espaço que você lhe conceda em seu coração, ela imediatamente se tornará a dona de seu coração. Como controlar a raiva? Com um compromisso sério, mas tranquilo, sem violência nem pressa, porque o coração agitado não pode ser dono de si mesmo. Além disso, o ajudará a invocar a ajuda de Deus, mas esta súplica também deve ser feita com doçura e tranquilidade, nunca com violência. Se você perceber que está ficando com raiva de alguém, corrija isso imediatamente sendo mais gentil com essa mesma pessoa. E para aprender a fazer isso, quando você se sentir calmo e sem motivos para raiva, armazene doçura e amabilidade em suas palavras como em suas ações. Certifique-se de ter doçura não apenas em seus lábios, mas também nas profundezas de sua alma; não apenas para estranhos, mas também para seus familiares e entes queridos. Portanto, prepare seu coração todas as manhãs para a gentileza, a mansidão e a tranquilidade e, durante o dia, de vez em quando, lembre-o dessas disposições internas. Treine-se neste exercício particular de doçura não apenas para ocasiões extraordinárias, mas também para pequenos contratempos do dia a dia. E prepare-se para isso com a mente calma e serena. Se lhe faltar mansidão, não se irrite, mas se humilhe e recomece o seu compromisso. Em seu trabalho, seja calmo e equilibrado; tente nunca quebrar a paz com ninguém. O que você vê que pode fazer com amor, faça, mas o que você não conseguir fazer sem que ocorra oposição ou discórdia, deixe de lado. Pode acontecer-nos na vida cotidiana ter de lidar com pessoas que nos irritam, discordam ou nos atrapalham: este é o momento certo para exercitar a verdadeira gentileza, sabendo muito bem que o amor se manifesta no fazer o bem sempre e a cada um, mesmo que não nos agrade. (Cf. Introdução à vida devota (Filoteia) II, 8; Cartas de 26-10-1612; 2-1609; 10-11-1616; 16-12-1619)

**Immagine che contiene testo

Descrizione generata automaticamente4. O que nos pode ensinar uma pequena e pobre Salesiana Cooperadora (Vera de Jesus)?**

Vera: Ó meu Jesus, nada tenho para lhe oferecer, nada encontro a não ser os seus próprios Dons, e os ofereço a Você, quero oferecê-los através do Coração da sua e minha doce Mãe, junto à minha pobre vontade. Ó Jesus, faça Você, destrua-me mas que eu não resista a Você, torne-me humilde, pegue todo o meu coração: que ele bata apenas por Você e possa lhe dizer em cada batida, que lhe ama, que detesta o pecado. Vida minha, que eu não tenha outra Vida senão a Sua, outro suspiro senão o Seu, outra respiração senão a Sua.

Jesus: Pelo santo nome da obediência, escuta a minha Voz: é Cruz, é Amor. O meu Amor e a minha Cruz não lhe abandonarão jamais, assim como a MINHA VOZ. Aceite-a por obediência, por amor e em espírito de humildade e de penitência. Eis que eu estou em você em amor e dor, dor amor. Esta Voz, a minha Voz será o fogo que lhe purificará. Quero que o MEU TEMPLO arda, arda, se consuma por Mim. Agradeça-me filha minha, que o amor do meu Pai é grande por você. Amanhã, na Santa Missa, você vai me trazer os meus Dons, os Dons do Coração da Minha Mãe, e os unirá às suas misérias, ao seu nada, ao seu coração pequeno demais. Eu vou levar tudo. Lembre-se: o vinho e a água. Neste mistério há a união, a doação. Só Comigo a oferta sobe ao Pai. Ó filha minha, imerja-se no meu amor. Somente a minha graça irá sustentá-la. Olhe para mim na Cruz, ame-me na Cruz, concentre-se na Cruz: Eu lhe atraio a Mim, Jesus. Faça tudo em meu Nome e pelo meu amor. Quando o cansaço lhe esmagar, invoque-me: eu lhe ajudarei!”. (Leve-me com você, 117).

Jesus: “Dom de Deus, Dom do amor. O meu Amor não tem limites, nem barreiras. Não são as suas misérias que impedirão a minha Graça em você porque a minha Graça é AMOR. São as suas dúvidas, as suas incertezas, os limites que você coloca ao abandono em MIM: Jesus! Quão frágil você é, filha minha! Venha a Mim: Eu sou a FORÇA, a sua força. Pense no Tabernáculo. Você acredita na MINHA PRESENÇA no Tabernáculo. Acredite em MIM, o seu Jesus não lhe engana. Sou eu, Jesus! Eu falaria a qualquer pecador se tivesse fé em Mim, se acreditasse em Mim, no meu Amor. Eu me mostraria a ele como outrora, mesmo em minha Santa Humanidade, mas mesmo assim não acreditaria porque não tem fé. Se a Fé cresceu em você, saiba que é um Dom meu! Acredite em mim que falo com você e não se pergunte mais nada, não se explique o porquê: assim agradou a MEU PAI, assim agrada a MIM. Você recebe a minha Voz com humildade e gratidão. Volte-se a Mim, abandonese ao meu Amor. Sente a minha cruz, sente o meu Jugo?! Deixe-se preencher por Mim”. (Leve-me com você, 120).

Vera: Ó Jesus, dê-me a dor dos pecados, um AMOR puro e santo. E, dê-me o dom da humildade e da obediência. Ó Jesus dê-me “tudo” porque nada tenho. Obrigada. (Leve-me com você, 122).

Jesus: “Agora, filha minha, ouça-me: é vontade de Meu Pai que você permaneça recolhida, humilde esperando por Mim. Eu a chamo para cumprir uma missão. Não tenha medo, você tem a minha Força. Eu a conduzirei por caminhos ásperos e tortuosos, mas no final você me reconhecerá porque estarei lá esperando por você. Sim, é Jesus dos Sacrários quem fala, quem chama: “Eu sou”. Você não deve fazer nada, por enquanto, a não ser esperar por mim. Eu preparo os “meus caminhos” pelos quais você e muitas outras almas vão andar.

Eu lhe quero SÓ PARA MIM, lhe afasto dos afetos do mundo. Coloque “tudo e todos” em Minhas mãos de Pai, os seus familiares e eu pensarei neles, mas você pensa apenas e sempre em mim. Terá que “partir” deste mundo, deixá-lo por Mim, desapegar-se por mim. Uma Esposa não é do Esposo se não for crucificada com Ele. Eu lhe atraio para a loucura da Cruz.

Veja, faço de você um “dom” das minhas riquezas, das minhas paixões: paixão de Amor, de Dor; sacrifício, oferenda, imolação do meu Sangue.

Pobre filha minha, nada vê, ainda, de tudo isso! Eu, Jesus, Caminho, Verdade, Vida, lhe anunciarei muitas coisas a seu tempo. Permaneça na humildade, no meu Amor, na minha Graça. Com o perdão das suas faltas lhe redimi, na lavagem do Meu Sangue, lhe purifiquei ontem, hoje, sempre.

Você precisa desse batismo de Sangue todos os dias e só no Meu Sangue isso acontece. Prepare-se, filha minha, em breve irei até você. Assim agradou ao meu Pai, agrada-Lhe ainda se servir das criaturas mais pobres e desagradáveis, mas redimidas pelo meu Sangue, por sua vontade. Você é muito “nada” e por isso tem medo. Eu lhe disse que falo com você no Coração de minha Mãe, e através daquela espada que traspassou o seu Coração de Mãe, a minha Voz chega a Você. Por “Ela” escute-me. Agora ore, ore ao meu Pai para que Ele se compraza em responder às suas orações.

Quando chegarem ao Trono de meu Pai, devem ter o perfume de incenso. Peça-Me o incenso nas suas orações e depois une-as às da Igreja, do Papa; leve-as ao Pe. Gabriello para que ele as ofereça a Mim. Peça o Meu Reino, a minha Vontade, o meu Amor, a minha Graça, a minha Bênção sobre toda a humanidade. Ao entardecer desço ao mundo, entre as almas e olho para elas, procuro-as... Sim, desço com a Minha Graça às almas que Me serviram, infundo paz e serenidade nos seus corações: são o “meu tesouro” na terra. Pe. Gabriello falará às almas através de Minha boca, e Minha Voz passará aos corações. Por isso seu coração deve sofrer, deve sangrar. Envia-o ao Padre Gabriello para que ele Me ofereça no Coração de Minha Mãe das Dores. Escreva isso para que ele conheça meus Desejos. A outras almas direi o meu Amor, me servirei delas para abraçar a todos.

Concluo com esta minha Bênção especial: Eu quero todos vocês, quero vocês salvos, quero vocês no Meu Reino. Sim, filha minha, sou o seu amado Jesus sim, sim, sim, sou eu: Jesus”. (Leve-me com você, 128).

**Para a oração pessoal e a meditação**

1. Sei suportar as pequenas injustiças ou os pequenos imprevistos diários com paciência e doçura?
2. Nas dificuldades, fico abatido e com raiva de mim mesmo, deixando-me vencer pelo orgulho, ou abandono-me a Deus e repito para mim mesmo: “Tudo posso Naquele que me fortalece”?
3. Quando estou sobrecarregado e cansado, peço ajuda a Jesus em oração, certo de que posso fazer parceria com Ele e que Ele carregará os meus fardos?

**Compromisso mensal**

Comprometo-me a não reclamar diante das dificuldades e dos imprevistos e a dizer “Jesus eu confio em vós” e “Tudo posso Naquele que me fortalece”.